

mo homens esforçados , a outra gente toda vendo as naos entradas se lançou ao mar , os outros capitães , com os Naires de Cochim cometeram os paraos de Calecut , que se logo poseram em fugida , sem nenhuma resistencia. Desbaratada esta frota , Lopo Soarez fez desembarcar os nossos , dando a dianteira aos cinco capitães , os quaes juntos com o Principe de Cochim, que veio per terra , & a outra nossa gente derão na de Nubadarim Principe de Calecut , os quaes depois de se defenderem hum bom pedaço deixaram o campo , & entrando per huma porta da cidade saíram pela outra, indolhe os nossos no alcance ate os lançarem fora. Duarte Pacheco , & Diogo Fernandes Correa , que per ordenança de Lopo Soares desembarcaram com alguns capitães afastados dos outros , vendo ir os inimigos de vencida , sem os poderem alcançar , entraram tambem pela cidade , a qual logo poseram fogo , que em se começando datear , sahiram das casas alguns Christãos dos que alli morauão , pedindolhes que o apagassem , por nam queimarem as egrejas de nossa Senhora , & dos Apostolos que na cidade auia , & assi suas proprias casas que tinham mesturadas com as dos Mouros , gentios , & judeus. Destes alguns correrão a praia onde Lopo Soares estaua com a gente que com elle ficou pera guarda da frota , a pedirhe o mesmo , ao que logo mandou acodir , mas nam pode ser com tanta diligencia , que se nam queimassem muitas casas , por serem de madeira , cubertas dola , ao modo do Malabar. As dos mouros , gentios , & judeus que senam queimaram foram saqueadas em que ouue grande despojo. As duas naos que estauão encadeadas , & tres que estauam encalhadas em terra , com muitos paraos , que os inimigos desemparraram , mandou Lopo Soares queimar , & recolher a nossa frota as armas , & artelharía que nellas acharam , o qual (fazendosse esta obra) entrou na cidade , pera em huma das egrejas dos Christãos armar alguns caualleiros , o que feito se tornou pera Cochim, onde foi bem recebido , assi del Rei, como de todolos da cidade. C A-

## CAPITULO XCVIII.

*Em que se declara donde estes christãos de Cranganor trazem seu principio, & dos costumes, & modo de religiam que tem, & do sitio da cidade.*

**E** Sta Cidade de Cranganor he grande, situada na terra do Malabar, quatro legoas de Cochim, contra Calecut, de longo da qual passa hum rio que a cerca por algumas partes. Abitam nella gentios, mouros, judeus, & Christãos, he de grande trato, & de que todo o regno toma nome. Vem a ella mercadores, de Suria, Egypto, Persia, & Arabia por caso da muita pimenta que nella ha. Quando os nossos vieram a India, era esta cidade governada per os mesmos da terra a modo de Republica, com tudo estaua a obediencia do Camorij rei de Calecut: mas depois que os governadores della virão suas cousas em declinaçam por caso da guerra que faziamos a el Rei, elles se lhe rebelarão, sem lhe mais quererem obedecer. Tem o gentio deste regno os mesmos costumes, & crença que tem todolos outros do Malabar. Os Christãos que nella moram tem egrejas como as nossas, & nos altares, & paredes pintadas cruces, como os de Coulão, sem nenhuma outras imagens, nem sinos. Ajuntasse o pouo nas egrejas aos domingos, onde ouuem suas pregações, & os officios diuinos. Ao seu Papa chamão catholico. Tem sua residencia em Caldea com doze cardeaes, dous Patriarchas, Arcebispos, Bispos, & outros prelados. Os sacerdotes trazem a tonsura em cruz, & consagram o corpo do Senhor em pão asmo, & com vinho de passas, por na terra não auer outro. Os seculares comungão separadamente o pão, & vinho consagrado, como os sacerdotes. Baptizão os mininos aos quarenta dias, se nam sucede perigo de morte. Confessam se antes de tomar o Sacramento, & em lugar da extrema Unçam, que nam usam, bënze o sacerdote o enfermo. Quando entrão nas egrejas lanção agoa benta sobre sim:

enterrão os mortos, ao modo da egreja Romana. Os parentes & amigos em lembrança do morto, comem todos juntos oito dias continuos, dizendo sempre muitas orações pela alma do defunto, depois dos quaes lhe fazem o saimento: nam fazendo testamento o que morre, succede na fazenda o parente mais chegado. As molheres dos defuntos tiram seu dote, o qual per lei, & costume que tem perdem, se se casam antes de hum anno depois da morte do marido. Tem os mesmos liuros da lei velha, & noua que sam recebidos no Canone da egreja Romana, scriptos em lingua Hebreá, & Caldeá, os quaes os seus doctores (de que a alguns bem doctos na lei) lhes lem em scollas publicas, principalmente os Prophetas. Iejuam o aduento, & a quaresma no mesmo tempo que nós. Nam comem cousa nenhuma, nem bebem da vespora da Pascoa ate o dia. Tem pregadores que ordinariamente per todo o discurso do anno lhes pregão. Tem liuros de doctores que lhes expoem a lei em que estudão. Guardam com muita deuaçam o dia da Pascoa com duas octauas, & o dia da Pascoella, com muita solemnidade, por naquelle dia São Thome meter a mão no lado de nosso Senhor Iesu Christo. Guardam com a mesma solemnidade os dias da Ascençam, Penthecoste, Trindade, & Assumpçam de nossa Senhora, o do nascimento, & Purificaçam, o do Natal, Epiphania, todos os dias dos Apostolos, & domingos de todo o anno. Tem dia entercalar pera conta dos annos como os latinos. Os Christãos, & gentios daquelle regno fazem grandes festas no primeiro dia de Julho, a honra do bemaumenturado Apostolo São Thome. Tem mosteiros de monjes que se vestem de panos pretos, & da mesma ordem os ai de freiras, que viuem com muita obseruancia, honestidade, castidade, & pobreza, assi huns, como os outros. Os sacerdotes guardão castidade conjugal, morta a primeira molher nam casam mais, no matrimonio não pode antrelles auer apartamento per nenhum caso, senam per falecimento do marido, ou da molher, bem ou mal

mal ham de viuer juntos ate morte. Os quaes costumes, & crença tem todolos Christãos que a desde Cranganor ate Chormandel, & Mailapur, onde jaz enterrado o Apostolo São Thome, o qual Apostolo pregou a palavra de nosso senhor Iesu Christo a estes de Cranganor, & aos de Coulam, & primeiro que a estes aos da ilha de Cocotorá como elles tem per suas lendas, & liuros autenticos. Pera mor certeza do que farei aqui mençam do que Pero de sequeira (homem a que se pode dar credito) me dixee acerca da verificação deste sancto Apostolo, ser o primeiro que pregou a nossa fe catholica naquellas partes, que foi assi. Servindo elle no anno de M. D. XLIII. o officio de thesoureiro do deposito em Cochim, veo ter aquella cidade hum Bispo de Cranganor, per nome Iacobo, Caldeo de naçam, o qual per sua dignidade, & honestidade poufaua no mosteiro de Sancto Antonio, da ordem de São Francisco, onde adoeceo denfirmidade, de que veo a falecer, o qual Pero de Sequeira, por ter com elle alguma amisade, hia visitar muitas vezes. Este bom homem vendosse no extremo ponto da vida, com muita vergonha lhe rogou, que se Deos fosse seruido o leuar para sim, quisesse usar huma esmola, & charidade com elle, & com todolos Christãos da cidade de Cranganor, a qual era, que elle por necessidade, & ser pobre empenhara a hum certo homem que moraua na ferra duas taboas de cobre, em que estauão talhados ao boril priuilegios que os senhores daquella cidade deram ao bemaumenturado Apostolo São Thome, para os Christãos, que elle ja entam tinha conuertidos, & pera todolos que depois o fossem, & estas taboas empenhara por vinte cruzados, auia ja alguns annos, sem sua pobreza lhe dar lugar pera as poder remir, que lhe pedia que pera consolaçam de sua alma mandasse logo por ellas, & as guardasse, porque se Deos lhe desse vida elle lhe pagaria os vinte cruzados, & morrendo o fariam os Christãos de Cranganor, pelo muito que lhes importaua. Pero de Sequeira mouido destas pala-

palavras, mandou hum seu criado com o dinheiro, em companhia de hum sacerdote, dos que acompanharam o Bispo, que conhecia o homem que tinha as taboas, as quaes lhe trouxeram antes do Bispo falecer de que leuou muita consolaçam. Morto o Bispo Pero de Sequeira mostrou estas taboas ao governador da India, que entam era Martim Afonso de Sousa, que logo mandou buscar quem lesse o conteudo nellas, mas nam se achou quem as entendesse pola antiguidade da scriptura, & differenças das lingoajens, do que ja desesperado, lhe vieram a enculcar hum judeu que tambem viuia na serra homem docto em muitas lingoajens, & experto na antiguidade dellas ao qual mandou as taboas com cartas del Rei de Cochim, per que lhe mandaua que declarasse o que se nellas continha, o que o judeu fez, com muito trabalho, porque a scriptura era de tres lingoajens, Caldeu, Malabar, & Arabio, & o estilo muito antigo, mas a substancia dos privilegios nam se continha em cada huma destas lingoajens por fim, senam em todas tres juntas, pondo huma palaura, ou adiçam Caldea, & outra Malabar, & outra Arabia. E nestas tres lingoajens estauam as taboas scriptas o que o judeu mandou declarado em lingua Malabar, da qual se tresladou na Portuguesa. Estas taboas sam de metal fino, de palmo, & meo cada huma de comprido, & quatro dedos de largo, scriptas dambalas bandas, & infiadas, pela banda de cima com hum fio darame grosso. O que se nellas conthem he que o Rei que então regnaua daua de sua liure vontade ao Apostolo São Thome, que então residia em Cranganor pera edificar hum templo naquella cidade, tantos couados Dalephante de terra em redondeza, medida que faz dez palmos, que he huma braça de craueira. A qual casa o Apostolo edificou no lugar que lhe aquelle Rei deu, que he no sitio onde agora està a nosla fortaleza declarando mais que todos os Christãos que naquella redondeza edificassem casas, não pagassem nenhum tributo aos Reis daquelle regno. E assi  
mais

mais que para entretenimento do templo lhe fazia doagão do quinto das mercadorias que trouxessem os mesmos Christãos aquella cidade, pela baia do porto della, que então era de grande trato, o qual priuilegio se lhes ategora guarda. Estas taboas forão carregadas em receita sobello mesmo Pero de Sequeira, & depois sobello thesoureiro que o succedeo, onde ao presente devem ainda destar, o treslado das quaes mandou Pero de Sequeira em lingoagem Portuguesa, a el Rei dom Ioam terceiro, que sancta gloria aja, & lhe foi dado: mas o que se delle fez nam pude saber, nem se acha na torre do Tombo, onde per razam o deueram de lançar, como coufa digna de memoria.

### C A P I T U L O X C I X .

*Do que Lopo Soarez Daluarenga fez depois da vitoria que ouve em Cranganor ate se partir da India, & chegar ao regno.*

**H** Um dos Reis que ajudaram na guerra ao Çamorij Rei de Calecut, foi o de Tanor seu vezinho, com o qual o mesmo Çamorij depois de sair do Turcol, por causas que se entrelles moueram, começou de ter debates, de que se seguiu guerra, do que mouido o Rei de Tanor, no mesmo tempo em que Lopo Soarez foi sobre Cranganor, sabendo que o de Calecut hia socorrer a cidade, se lançou em cilada, em hum lugar estreito per onde auia de passar, em que o desbaratou, & matou mais de dous mil homens. Polo que temendo que se nam aliasse com os nossos, que el Rei de Calecut buscaria todos modos que podesse pera o destruir, mandou seus embaixadores a Lopo Soarez, dando-lhe conta do que passaua, & seruiço que fezera a el Rei de Portugal, pedindo lhe ajuda contra seu imigo. E por lhe estes embaixadores dizerem que o Çamorij estaua ja prestes pera vir sobre el Rei, com huma grande armada, mandou em fo-

focorro Pero Raphael com soldados Portugueses, delles besteiros, & espingardeiros, que chegou a Tanor no mesmo dia em que o Camorij, com ajuda dos nossos foi desbaratado do que ficou tam abatido que os mais dos mouros de Calecut se foram viuer a outras partes pera estarem seguros, & fazerem melhor seus negocios, dos quaes alguns fretaram dezafete naos grossas bem equipadas, & artilhadas pera se irem pera Mequa, em que logo começaram de carregar a fazenda, & mercadorias, que tinham em Calecut, & outros lugares. Lopo Soarez que se fazia prestes perà torna viagem, sabendo o que passava se apressou quanto pode, pera de caminho dar em Pandarane, onde estas dezafete naos estavam, pera as mandar queimar, antes de sairem do porto. Polo que deixando por capitam de quatro velas a Emanuel Telez Barreto de que os outros capitães que ficavão debaixo da sua bandeira, eram Christouão Iufarte, Pero Raphael, & Diogo Pirez, se fez a vela aos xxvj. dias de Dezembro, & sendo tanto avante como Pandarane, lhe sairam vinte paraos dos que estauam em guarda das dezafete naos, nos quaes vinha muita, & boa gente de guerra, que com grande grita vierão cometer as carauellas de Pero Raphael, & Diogo Pirez, os quaes per mandado de Lopo Soares hião diante hum bom pedaço, de longo da costa, com vento calma. Estes paraos em chegando, começaram de servir os nossos de frechadas, espingardadas, & bombardadas, do que se defendião com muito trabalho, o que vendo os da frota lhe acodiram, seguindo os paraos ate os fazerem recolher pera onde estauão as naos, das quaes como Lopo Soares ouue vista fez amainar, & auido conselho do modo que as cometeria, se acordou que nos bateis, & com as carauellas, por estarem de tras de hum arrecife, que as nossas naos não podião chegar, por irem muito carregadas, pera o que mandou armar quinze bateis, & fazer voga pera terra, levando as carauellas a toa, ate as meter no arrecife, por o vento  
ser

fer calma: na boca do qual estauão duas bombardas af-  
sentadas em hum bastilhão, de que os nossos foram mal-  
tratados ao entrar. As naos estauam juntas humas com  
as outras, as popas em terra, & diante das proas por  
reparo os lemes atraueçados, & encadeados huns com  
os outros ao lume dagoa. A gente que tinham pera se  
defender era muita, & boa artelharía, com tudo os  
nossos propondo a honra ao perigo, entrarão no ar-  
cife, & forão cometer as naos per meo de muitas fre-  
chadas, & bombardadas, do que foram bem feruidos,  
& de bombas de fogo, depois que as abalroaram, dos  
quaes foi o primeiro Tristam da Sylva, que aferrou a  
mor dellas, que estaua a entrada do arrecife, & porque  
nesta auia muita mais gente que nas outras, de que re-  
cebia muito damno, foi aferrar outra em que entrou  
posto que lho os de dentro defendessem com muito a-  
nimo: com tudo os q̄ escaparam do ferro se lançaram  
ao mar, & a nao ficou despejada. No mesmo tempo a-  
ferrou Afonso Lopes da Costa outra de que era capitam  
hum Turquo, homem mui esforçado, a qual entrou  
com muito trabalho, os primeiros que sobiram foram  
o mestre da nao, Afonso Lopes, & Alvaro Lopes, cria-  
do del Rei, que depois foi scrivão da camara de San-  
tarem. Neste tempo Lionel Coutinho, Duarte Pacheco,  
Pedrafonso Daguiar, Vasquo Carualho, Antonio de Sal-  
danha, Rui Lourenço, & os demais o fizeram como  
esforçados caualleiros, & assi Pero Raphael, & Diogo  
Pirez com as carauellas, porque Pero Raphael foi cair  
com a corrente da marè na gorita de huma das naos,  
donde pola entrar, & por se defender sahio com tres  
homens mortos, & todos feridos sem ficar nenhum. Dio-  
go Pirez encaminhando peras naos, de huma bombar-  
da lhe mataram o mestre, que hia governando, pelo  
que antes de se poder acodir ao leme, foi dar sobre huns  
penedos, donde a tiraram a toa. Esta peleja foi braua, &  
durou muito, mas em fim os inimigos desempararaõ as  
naos, por caso do fogo que lhes os nossos poseraõ,

em que arderão muitas mercadorias, que ja nellas esta-  
uam carregadas, sem se salvar cousa nenhuma tudo a  
vista dos nossos, & dos da terra, que da praia estavam  
pasmados, oulhando como se tão de subito abrasauão  
dezaete naos grossas, com muitos paraos que estauam  
apar dellas, em que os mais delles vião perecer suas  
fazendas, sem lhe poderem dar remedio. Auida esta vi-  
ctoria Lopo Soares se recolheo as naos, com lhe ma-  
tarem xv. homens Portugueses, & ferirem cento, &  
vintafete. Dos inimigos, como se soube em Cananor (pe-  
ra onde se Lopo Soarez dalli partio ao primeiro dia de  
Janeiro de M. D. v.) morrerão mil, & setecentos. To-  
mada a carga em Cananor que ainda era necessaria pera  
as naos se despedio del Rei, & dos Portugueses que es-  
tavam na cidade, & encomendando muito a Emanuel Te-  
les, Christouão Iufarte, Pero Raphael, & Diogo Pirez,  
a guarda da costa do Malabar, & cousas del Rei de  
Cochim, seguiu sua viagem com mais duas naos, das  
com que partira de Portugal, carregadas de muita spe-  
ciaria, & outras mercadorias, com que chegou a Me-  
linde o primeiro dia de Fevereiro, onde foi bem fes-  
tejado del Rei. Recoihida a fazenda que alli deixara An-  
tonio de Saldanha, das presas que fezera no cabo de  
Guardafum, indo pera India foi ter a Quiloa, com ten-  
çam de receber as pareas que el Rei era obrigado pa-  
gar cadanno, do que defenganado se fez a vela aos dez  
dias de Fevereiro pera Moçambique. Alli esteue doze di-  
as prouendosse das cousas necessarias perà viagem, don-  
de dous dias depois de sua chegada despedio pera o re-  
gno (com nouas do que tinha feito) Pero de Mendonça,  
& Lopo Dabreu, dos quaes Pero de Mendonça se per-  
deo no caminho sem se saber onde, & Lopo Dabreu veo  
a Lisboa, noue dias antes que Lopo Soarez, o qual  
com toda a frota junta chegou a Lisboa aos xxij. dias  
de Julho do mesmo anno de M. D. v. a quem el Rei  
fez muita honra. E porque nam pareça espuecimento fa-  
rei aqui relaçam de Diogo Fernandez Peteira, capitão da  
nao

nao de Setuval que partio do regno, na capitania de Antonio de Saldanha, como atras fica dito, o qual chegou a Cochim, estando ja Lopo Soarez pera partir, pelo que nam pode auer carga, senão depois das outras naos acabarem de a tomar, com que entrou no porto de Lisboa, poucos dias depois de Lopo Soarez. E este anno foi o em que ate agora mais speciaras, & outras riquezas vieram da India a estes regnos, porque Lopo Soarez partio de Lisboa com treze naos, & entrou com quatorze, & a de Diogo Fernandez Pereira foram quinze, com o qual Lopo Soares veo Duarte Pacheco muito contra vontade del Rei de Cochim, que lhe pedio per muitas vezes que lho deixasse pera segurança de sua pessoa, & regno.

### C A P I T U L O C.

*Em que per hum Padram de blasam darmas, & insignias que el Rei de Cochim deu a Duarte Pacheco Pereira se aprovão, & confirmão na verdade, os notaveis feitos que fez na India contra o Camorij Rei de Calecut, & assi pela honra que lhe el Rei dom Emanuel fez em chegando a este regno.*

**P**orque as victorias que Deos deu a Duarte Pacheco Pereira, contra o Camorij rei de Calecut, sam de calidade que pelo tempo adiante se poderiam julgar por fabulosas, tratarei neste capitulo do testemunho que disse da a honra que lhe el Rei dom Emanuel fez depois de ser neste regno, & a que recebeo del Rei de Cochim antes que partisse da India, & quanto à del Rei de Cochim o negocio passa desta maneira. Auida as grandes victorias de que ja tratei el Rei de Cochim quis gratificar a este valeroso caualleiro os seruiços que lhe fezera com merces, & assi de dinheiro como de joias, & terras, que lhe daua no seu regno, do que nam quis to-

1504  
 mar nada , dizendo que o seruiço que fezera fora a el  
 Rei dom Emanuel , & que delle speraua o galardam , o  
 que vendo el Rei de Cochim , & sabendo o modo , que  
 se entre os Christãos da Europa tem , acerca dos blasões  
 darmas que lhes os Emperadores , e Reis dam , em tes-  
 timunho de seus seruiços , lhe mandou hum padrão dar-  
 mas , de que fomite porei aqui o mais substancial no  
 modo que se segue. Itiràrà marnetim , Quiluniramà ,  
 Coul , Trimumpate , Rei de Cochim , senhor de Vaipil ,  
 de Arraul , de Chiriuaipil , & Narungante , Bramana mór ,  
 mediante os deoses Tilaram , Pagode , aos que esta mi-  
 nha carta virem , faço saber , que no anno de mil , &  
 quinhentos , & quatro , ( conta dos Christãos ) no mes  
 de março , el Rei de Calecut veo sobre minha terra ,  
 com toda a força , & poder do Malabar , pera me des-  
 truir , por eu acolher , & fauorecer os Portugueses , que  
 ao meu porto arribauão , pelo qual respeito os mais dos  
 Reis , Nãbeadaris , Caimães , & outros senhores do Mala-  
 bar me foram contrarios , no qual tempo nam tiue ou-  
 tro socorro , que huma armada de Portugueses , de que  
 era capitão Duarte Pacheco Pereira , fidalgo da casa del  
 Rei de Portugal meu senhor , & irmaõ , o qual me af-  
 segurou minhas terras , com muitos trabalhos , & fadi-  
 gas , & pelejas , em que sempre venceo a el Rei de  
 Calecut , & os que com elle contra mi erão. Pelo que  
 auendo respeito aos muitos seruiços que me fez , sem  
 porisso nunca de mi querer tomar nada , de meu pro-  
 prio moto , & liure vontade , & poder absoluto , por  
 memoria , & final de seus feitos , & dos trabalhos que por  
 mi passou nesta guerra , & por honra de sua pelloa , &  
 dos que delle descenderem , lhe dou por insignias , &  
 sinaes de seus feitos , & honra que nillo ganhou , hum  
 scudo vermelho , por final de muito sangue que dos de  
 Calecut derramou nesta guerra , & dentro nelle lhe dou  
 cinco coroas douro em quina , por final de cinco Reis  
 que nella desbaratou , & a bordadura deste scudo lhe dou  
 branca com ondas azues , & oito castellos nella , de ma-  
 deira

deira verdes, e armados nagoa sobre dous nauios rasos cada castello, por duas vezes que o combateram com estes oito castellos, e dambas os desbaratou, doulhe sete bandeiras de ponta, ao derredor deste scudo, tres vermelhas, e duas brancas, e duas azues, por sete combates que lhe el Rei de Calecut deu em pessoa, e em todos sete o desbaratou, e por sete bandeiras que lhe tomou das mesmas cores, e feição, e doulhe hum Elmo de prata aberto guarnecido douro, e o Paquife douro, e vermelho, e por Timbre hum castello do mesmo theor, e nelle huma bandeira vermelha de ponta. As quaes insignias, e armas elle podera trazer, misturadas com as armas de sua linhagem, ou sem ellas como elle quizer com a dita bordadura, ou sem ella, como lhe melhor parecer, porque eu de meu proprio moto, e liure vontade, e poder absoluto lhas dou como dito tenho, a elle, e a todos os que delle descendem, pelos mui grandes, e assignados seruiços que me tem feito, como arriba he declarado, e por sua guarda, e minha lembrança, lhe mandei ser feita esta carta per mim assinada, Chiricandã scrivão de sua fazenda a fez em Cochim, aos dous dias do mes Dagosto, de mil, e quinhentos, e quatro cõta dos Christãos. Foi este padrão d'armas tresladado de lingoa Malabar na Portuguesa, per Alvaro vaz scrivão da feitoria de Cochim, e concertada com o mesmo Chiricandã. O que toca a grande honra que lhe el Rei dom Emanuel fez em chegando a este regno, he o seguinte. A quinta feira depois da armada de Lopo Soarez surgir no porto de Lisboa mandou fazer huma procissam solemne, do modo, que fazem as do Corpo de Deos, em que foi da Se, ate o mosteiro de S. Domingos, levando Duarte Pacheco a suailharga, junto consigo, onde o Bispo de Viseu dom Diogo Ortiz fez huma pregação, em que relatou tudo o que lhe acontecera na India, e o mesmo mandou fazer per todo o regno, e o screueo aos mais dos Reis, e Principes christãos. Mas o fim destas honras,

*fin. p. 1505*

ras, em galardam de tantos seruiços, & doutros que Duarte Pacheco depois fez a el Rei, como se ao diante dira, foi de calidade, que se pode delle tomar exemplo pera os homens se guardarem dos reueses dos Reis, & Principes, & da pouca lembrança que muitas vezes tem daquelles a que sam em obrigaçam, porque a merce que Duarte Pacheco alcançou pelo premio dos taes seruiços, foi a capitania da cidade de São George da mina, donde por capitulos que delle deram o mandou el Rei trazer ao regno em ferros, & sem lhos tirarem dos pés, esteue muito tempo preso na cadea, ate que por se saber serem parte das culpas que lhe punham falsas, & as outras tão leues, que em hum tal homem não podião ter nome de culpas, o soltarão, tão pobre, como o era quando foi para mina. E assi viueo todo o mais do discurso de sua vida, com muito desgosto, & em tanta pobreza, que seu filho, unico, legitimo, Ioam Fernandez Pacheco, & sua mãe, que ao presente vivem, por lhe elle nam deixar fazenda pera se poderem manter como devem, passam tão estreita vida, que são constringidos a viver, elle nam como os seus proprios seruiços (allem dos de seu pai) merecem, & ella de pouco que lhe elle pode dar, & esmolas que lhe fazem pessoas honradas. Este foi o galardam que Duarte Pacheco ouue em satisfaçam de tão grandes, & memorauéis seruiços como forão os que fez a Coroa destes regnos.

CAPITULO CI.

*Do nascimento do Infante dom Luis, & das calidades de sua real pessoa.*

**A** Tras fica dito como por caso da peste que no mes de Outubro, de mil, & quinhentos, & cinco, se ateára na cidade de Lisboa se fora el Rei a Almeirim. E porque começou de dar rebates no mesmo lugar, & em Santarem, de que ja eram mortas algumas pessoas,

el

el Rei se foi (aforrado) Abrantes, onde a Rainha pario  
 hum filho aos tres dias do mes de Março do anno de  
 mil, & quinhentos, & seis, a que poseram nome dom  
 Luis, o qual foi tão ornado de virtudes, que pera na-  
 tureza de todo comprir com os dotes que lhe deu, lhe  
 ouuera de conceder occasiam para poder conquistar mō-  
 res regnos, & senhorios do que o fez a Alexandre,  
 porque para a execuçam disso lhe sobejou o animo, &  
 pera o fazer lhe não faltou mais que não nascer Rei,  
 ou o ser de algum grande regno. Foi muito catholico  
 Christão, de pura, & boa consciencia, emparo de re-  
 ligiosos, pobres viuvãs, & orphãos, a cujas necessidades  
 supria com muitas esmolas, & merces. Amou muito se-  
 us criados, & os agasalhou todos, partindo com elles  
 de seus bens, segundo a calidade de suas pessoas, & ser-  
 viços: no exercicio das armas, assi a pe, como a caval-  
 lo era tam manhoso, que nenhum outro homem lhe fez  
 nunca auentajem. Nas artes liberaes teve por mestre o  
 doctor Pero Nunez Portugues, de naçam, que foi nellas  
 hum dos doctos homens de seu tempo, nas quaes este  
 Principe foi tambem doctinado, que se as quiserá ler  
 publicamente, o fezera sem lhe faltar auditorio, & nel-  
 las compos hum livro de modos, porporções, & me-  
 didas. Foi homem de meã estatura, louro, & de bom  
 parecer, bem disposto, & prazenteiro, no fallar galante,  
 no vestir, & bom cortesaõ em todalas canas, touros,  
 justas, & torneos em que se achou, de nenhum saio sem  
 ganhar alguns dos preços, & muitas vezes os maiores  
 assi de galante, como de esforçado, & bom mantene-  
 dor, ou aventureiro; pelos quaes dotes, & virtudes  
 que nelle, desde sua mocidade começaram a dar final  
 de quem auia de ser, & pela muita obediencia que sem-  
 pre teve a el Rei seu pai, & a Rainha sua mã, elles  
 lhe foram em quanto viueraõ mui afeiçoados a qual o-  
 bediencia, & na mesma igualdade teve depois a el Rei  
 dom Ioam terceiro seu irmão, ate a hora de sua mor-  
 te, & em tanto que não deixou de ser tachado, & a-  
 con-

1506  
Dom  
Luis

João de  
Castro

louis

610  
 1532  
 1535  
 aconselhado dalguns que tivesse nisso outro modo. Pelo qual acatamento, & devida obediencia o teue el Rei seu irmão sempre em muita conta, tanto que nenhuma coufa fez, nem tratou, das que tocavam aos negocios da guerra, & da paz, como do gouerno do regno, & de sua fazenda que não fosse por seu conselho, & parecer nem tão somente era presente a todos estes negocios, mas ainda aos despachos dos officios, honras, & merces que el Rei daua, & fazia a todos seus moradores, & vassallos no que todos eram d'elle tão favorecidos, que igualmente lhe davão por isso as graças, & lhe beijavão a mão, como a mesma pessoa del Rei. E se algum desgosto ouue antre elle, & el Rei seu irmão que se sentisse, foi polo não querer deixar passar em Africa a fazer guerra aos Mouros, nem a India tendo assentado com os do seu conselho que pera esta viagem lhe armassem sessenta naos, o apercebimento das quaes se começou de fazer com muita diligencia: mas per alguns respectos se não acabou de poer em obra este tão honroso negocio, nos quaes requerimentos trabalhou muito, & por muitas vezes, sem lho el Rei querer conceder. Esta vontade de fazer guerra aos infieis foi sempre nelle tam firme em quanto uiueo, que no anno de mil, & quinhentos, & trinta, & dous, sabendo que o Emperador dom Carlos quinto do nome, seu cunhado casado com a Infante dona Isabel sua irmã se apercebia pera fazer guerra ao Turco, que com gram poder vinha sobello regno de Hungria, se fez secretamente prestes pera o acompanhar nesta honrosa viagem, o que sabendo el Rei, per respectos que o a isso moveram, lhe tomou a menajem que o nam fezesse. Mas como este desejo juntamente com a idade se fosse nelle de dia em dia acrecentando, determinou de nam preder outra tal occasiam, pelo que querendo o mesmo Emperador, no anno de M. D. XXXV. passar em Africa, a conquistar o regno de Tunes, depois da partida de huma armada que lhe el Rei mandou pera ajuda desta empresa, este vale-

ro-

roso Principe se foi huma noite secretamente da corte  
 que então estaua em Euora com proposito de per  
 nenhum modo tornar ao regno sem se achar neste nego-  
 cio com o Emperador seu cunhado, do que el Rei fi-  
 cou descontente pola perdida que recebia de sua ausen-  
 cia, & por não ir com o aparato que conuinha a sua  
 real pessoa. Como se na corte, & pelo regno soube da  
 partida do Infante, alguns senhores, & fidalgos o se-  
 guirão sem pedirem licença a el Rei, & outros lha vie-  
 rão pedir, dos quaes foi hum dom João de lancaestre,  
 Duque Daveiro, que de Setuval se veo pela posta a E-  
 uora, mas por muito que nisso insistisse el Rei lha não  
 quis dar, apontandolhe razões mui efficazes, com  
 que o divertio do pensamento com que vinha. Dos que  
 se foram sem licença foi o Duque de Bragança, dom  
 Theodosio, o qual ou que o Infante teuesse communi-  
 cado com elle esta sua ida, ou com desejo que teria de  
 se achar em hum tal, & tão honroso feito de guerra,  
 se partio de madrugada Devora, seguindo a via que o  
 Infante levava, o qual achou em Aronches. El Rei na  
 mesma hora que soube da ida do infante, & do Duque,  
 despachou dom Antonio Dataide primeiro conde da Caf-  
 tanheira, pelo qual, auendo respeito a quantas vezes ne-  
 gara ao Infante o effecto de seus altos, & valerosos pen-  
 samentos, lhe mandou licença pera proseguir no que ti-  
 nha começado, & credito pera tomar de mercadores cem  
 mil cruzados, offerecendo-lhe allem disto tudo o que lhe  
 delle, & de seu regno mais comprisse, mandando logo  
 alguns fidalgos que se fossem pera elle, & o acompanhaf-  
 sem, & a alguns dos que pera isso pediram licença a deu,  
 com a todos fazer merce pera ajuda do caminho. E a  
 Antonio de saldanha, que hia por capitão da armada,  
 que mandaua ao Emperador, screueo que toda aquella  
 viagem onde quer que o Infante seu irmão estiuessse, em to-  
 do, & por todo lhe obedecessse como a elle mesmo se  
 presente fosse, & fezesse tudo o que lhe mandaf-  
 se, na qual viagem este magnanimo Principe ganhou

nome de bom capitão , & esforçado caualleiro , como se dira na Chronica del Rei dom Ioaõ seu irmão , onde per extenso , como em seu proprio lugar se deue tratar o successo desta viagem na qual elle foi causa unica de o Emperador ir sobre Tunes , como o tinha determinado porque depois de ter ganhada de caminho a Goleta , o parecer de todo seu conselho , por se chegar o inuerno , foi que se devia de tornar pera Castella , o que se não fez por o Infante o contrariar per cujo conselho o Emperador passou adiante. E tornando ao negocio a que foi o conde da Castanheira , el rei lhe deu huma carta de crença pera o Duque de Bragança , & lhe mandou por elle dizer que não passasse adiante , do que o Duque ficou bem agastado , & screveo huma carta a el Rei , na qual lhe mandaua mui a fincadamente pedir licença pera acompanhar o Infante , & o seruir nesta viagem ; a esta carta respondeo el Rei com outra scripta de sua propria mão de que o theor de verbo ad verbum he o seguinte. Honrado Duque sobrinho , amigo que muito amo , & prezo , se me não parecera muito meu seruiço mandaruos tornar , por vos tirar da grande pena que sei que com isso recebereis , folgara de vos dar a licença que me pedis , mas porque me ei por mais seruido de vós em vos tornardes , vos rogo muito que vos desagasteis , & folgueis de vos tornar pois que eu o ei por melhor , porque certo he que sempre aueis de auer por mor vossa honra , & ter mor contentamento do que virdes , que ei por mais meu seruiço , nem eu me posso auer por seruido de vós , se não do que mais nossa honra for , & por isso vos encomendo , & mando , que logo vos torneis : de minha mão , Deuora aos xv. de Maio M. D. XXXV. Tanto que o Duque recebeo esta carta sem mais replicar a vontade del Rei mandou a seus officiaes que quinze mil cruzados com que se então alli achava offerecessem aos fidalgos , & cavalleiros , que hiam com o Infante , & dessem a cada hum segundo a calidade de sua pessoa , o que alguns acceptaram , & el-

Carta

15/5 35

le se foi a Villa viçosa, & dahi a Evora onde lhe el Rei fez bom gafalhado, & mostrou leuar muito contentamento de sua tornada, & lhe deu particularmente muitas razões perque se mouera ao nam deixar ir com o Infante, de que o Duque se teue por satisfeito, & lhe beijou por isso a mão, recebendo a boa vontade, & amor q̄ lhe el Rei tinha por huma grande merce. E porque acrecente mais aos lououres do Infante direi aqui o que sobre sua real pessoa per minhas mãos passou. El Rei dom Ioão terceiro seu irmão, que sancta gloria haja, estando eu servindo em Anuers no duquado de Brabant me mandou no anno de mil, & quinhentos, & vinte noue as partes de Hostelanda a negocios de seu seruiço, & dahi a corte del Rei de Polonia, Sigismundo primeiro do nome, que neste tempo estaua em Vilna, cidade metropoli, & principal no ducado de Lituania, donde depois de ter acabados os negocios a que hia tornei a cidade de Dansique em Prussia (donde partira) a tomar conclusam nas cousas que naquellas partes ainda tinha que fazer, & dalli me fui a Cracouia cidade principal, & metropoli da Polonia minor. Nesta cidade de Cracouia achei Christopharo Schelouisco, que então era Vicerei dambalas Polonias, por el rei ser absente, & Ioam tarnouio capitam da cidade, & fronteiro mor dos confins dentre Polonia, & tartaria, homem de muita authoridade, a quem el Rei dom Emanuel armou cavalleiro com outros dous gentis homens Polonos, no anno de M. D. xvi. em Lisboa, na egreja de Sam Gi-am, como se dirã em seu lugar, (do qual por esta razão fui eu bem festejado por alguns dias.) Estes dous senhores (entre outras praticas que tiuemos) me deram a entender que el Rei Sigismundo seu senhor (se pera isso fosse cometido) daria de boa vontade huma só filha que tinha per nome donna Heduige, de sua primeira mulher donna Barbara, irmãa del Rei Ioam scepo-siense de Hungria, ao Infante dom Luis por mulher, & com ella tal dote qual hum tal Principe como elle

Mm 2

me:

per curso de tempo este

Christopharo Schelouisco (com o nome de Schelouisco)

merecia, & isto per palauras de que eu pude bem en-  
 tender, terem elles comissam del Rei pera me fallarem  
 nisso. A qual senhora Infante eu vi, & lhe fallei na  
 mesma cidade de Cracouia, onde entao estaua com sua  
 casa, & estado, em hum fermoso Castello que na ci-  
 dade ha, molher muito discreta, & de bom parecer.  
 Da qual pratica depois de ser na cidade de Anuers aui-  
 fei el Rei per minhas cartas, dizendolhe nellas que dese-  
 te casamento poderia resultar vir o Infante dom Luiz a  
 fer Rei de Polonia, por quanto el rei não tinha senam hum  
 só filho, da Rainha sua segunda molher, per nome don-  
 na Bona, filha de Galeação esfôrçia Duque de Milão,  
 a qual & assi o filho nam eram bemquistos do povo,  
 nem dos nobres do regno; & porque o regno era de  
 eleição poderia ser que depois de sua morte elegessem o  
 Infante por Rei de hum tal regno como o aquelle he,  
 do que ouue reposta, dandome sua alteza as graças do  
 auiso que lhe dera, o que quis poer aqui por memo-  
 ria, & lembrança deste tam illustre Principe. E pera se  
 saber quam conhecido, & estimado foi dos Reis, &  
 Principes que em seu tempo viueram, o qual no mes  
 de Ianeiro de mil, & quinhentos, & sessenta, em que  
 isto se escreueo, faz quatro annos, & trinta, & cinco  
 dias que faleceo, em idade de quarenta, & noue an-  
 nos, & noue mezes, com muita dor, & tristeza de  
 todos aquelles que o conheceram, & conversarão sua  
 Real pessoa, & virtuosos costumes. Faleceo junto de Lis-  
 boa em Emxobregas, nas casas de dom Antonio de No-  
 ronha, Conde de Linhares, que estam de longo do Te-  
 jo, allem do mosteiro de S. Bento da ordem de S. Ioão  
 Euangelista dos azues. Acompanharão-no per mandado  
 del Rei dom Ioão terceiro seu irmão (ate que spirou)  
 dom Antonio Dataide conde da Castanheira, & Pero  
 dalcaçoua carneiro secretario del Rei, & do seu con-  
 selho. Não foi casado, deixou hum filho, per nome dom  
 Antonio, que ouue de huma donzella. O qual ao pre-  
 sente he Prior da ordem de Sam Ioam, homem mui af-  
 fa-

fabil, cortes, & bem instituido nas artes liberaes, & tam magnifico, & liberal que todas as riquezas do mundo se poderião ter nelle por bem empregadas.

## CAPITULO CII.

*De como el Rei mandou Tristão da Cunha a India por capitam de huma armada, & do alevantamento que se em Lisboa fez contra os christãos novos.*

**A**Ntes que el Rei fosse de Lisboa para Almeirim, ordenou de mandar Tristão da Cunha a India por capitam de huma armada, da qual, & do que nesta viagem fez se dirá adiante, no anno de mil, & quinhentos, & oito, em que tornou. Pelo que nestes dous capitulos, que sam os derradeiros desta primeira parte tratarei de hum tumulto, & alevantamento, que se aos dez & nove dias de Abril, deste anno de mil & quinhentos, & seis, em Domingo da Pascoella fez em Lisboa contra os Christãos novos, que foi pela maneira seguinte. No mosteiro de São Domingos da dita cidade está huma capella a que chamão de IESU, & nella hum Crucifixo, em que foi entam visto hum sinal, a que dauam cor de milagre, com quanto os que se na igreja acharão julgavão ser o contrario, dos quaes hum christão novo, dixe que lhe parecia huma candeia acesa que estava posta no lado da imagem de IESU, o que ouvindo alguns homens baixos o tirarão pelos cabellos arrasto fora da igreja, & o matarão, & queimarão logo o corpo no resio. Ao qual alvoroço acodio muito pouo, a quem hum frade fez huma pregação convocando contra os christãos novos, apos o que sairão dous frades do mosteiro, com hum Crucifixo nas mãos bradando „heresia, heresia“, o q̄ imprimio tanto em muita gente estrangeira, popular, marinheiros de naos, que então vierão de Holanda, Zelanda, Hoestelanda, & outras partes, assi homens da terra, da mesma condição, & pouca calidade, que juntos mais  
de

de quinhentos, começaram a matar todollos christãos novos que achauam pelas ruas, & os corpos mortos, & meos viuos lançauam, & queimauão em fogueiras que tinham feitas na ribeira, & no resio ao qual negocio lhes seruião escrauos, & moços, que com muita diligencia acarretauão lenha, & outros materiaes pera acender o fogo, no qual domingo da Pascoella matarão mais de quinhentas pessoas. A esta turma de maos homens, & dos frades, que sem temor de Deos andavam pelas ruas concitando o povo a esta tamanha crueldade, se ajuntarão mais de mil homens da terra, da calidade dos outros, que todos juntos a segunda feira continuarão nesta maldade com mor crueza, & por ja nas ruas não acharem nenhuns christãos novos, forão cometer com (vaivens, & escadas) as casas em que viviam, ou onde sabiam que estauam, & tirandoos dellas arasto pelas ruas, com seus filhos, molheres, & filhas, os lançavam de mistura vivos, & mortos nas fogueiras, sem nenhuma piedade, & era tamanha a crueza que ate nos mininos, & nas crianças que estauam no berço a executavão, tomandoos pelas pernas fendendoos em pedaços, & esborrachandoos darremeso nas paredes. Nas quaes cruezas se não esquecião de lhes meter a faco as casas, & roubar todo o ouro, prata, & enxouaes que nellas achauão, vindo o negocio a tanta dissolução que das egrejas tirauão muitos homens, molheres, moços, moças, destes innocentes, desapegandoos dos Sacrarios, & das imagens de nosso Senhor, & de nossa Senhora, & outros Sanctos, com que o medo da morte os tinha abraçados, & dalli os tirauam, matando, & queimando (misticamente sem nenhum temor de Deos alli a ellas como a elles. Neste dia perecerão mais de mil almas sem auer na cidade quem ousasse de resistir, pola pouca gente, de forte que nella auia por estarem os mais dos honrados fora, por caso da peste. E se os alcaides, & outras justiças querião acodir a tamanho mal, achauão tanta resistencia, que erão forçados a se recolher a parte onde estivessem

segu-

Caso (causa)

seguros, de lhes não acontecer o mesmo que aos christãos novos. Avia antre os Portuguezes, que andauão encarniçados neste tão feo, & inhumano trato, taes, que por se vingarem do odio, & mal querença que tinham com alguns (Christãos lindos), dauam a entender aos estrangeiros que erão christãos novos; & nas ruas, ou em suas casas onde os hião saltar os matauão, sem em tamanha desaventura se poder poer ordem. Passado este dia, que era o segundo desta perseguição, tornarão a terça seira estes damnados homens a profeguir em sua crueza, mas não tanto como nos outros dias porque já não achauão quem matar, por todos os christãos novos que escaparão desta tamanha furia, serem postos em salvo por pessoas honrradas, & piadotas que nisso trabalharão tudo o que nelles foi, & o tempo, & desordem delle lhes pode conceder, sem poderem euitar que não perecessem neste tumulto mais de mil, & nouecentas almas, que tanto se achou per conta que mataram estes máos, & peruersos homens, no que passaram a mor parte daquelle dia no qual a tarde acodiram a cidade Aires da sylva Regedor, & dom Alvaro de castro gouernador, com a gente que poderão ajuntar de suas valias sendo já quasi acabado, & pacifico o furor desta gente, cansada de matar, & desesperada de poder fazer mais roubos, dos que já tinham feitos. Esta noua deram a el Rei na villa de Avis, indo Dabrantes visitar a Infante donna Beatriz sua mãe, que estaua em Beja de que foi muito triste, & anojado, pelo que pera se prouer em tamanha desordem logo dalli mandou o Prior do Crato, & dom Diogo Lobo, baram Daluito com poderes, pera castigarem os que achassem culpados, dos quaes muitos forão presos & enforcados per justiça, principalmente dos naturaes, porque os estrangeiros com os roubos, & despojo que leuauão se acolherão a suas naos, & se forão nellas cada hum pera donde era. Aos dous frades, que andarão com o Crucifixo pela cidade tirarão as ordens, & per sentença forão queimados. E el Rei mandou proceder

ceder por seu procurador contra os da cidade, & termo, & officiaes della de que muitos perderão os officios, & as fazendas, & contra a cidade, & termo foi dada sentença, a qual me pareceo de substancia pera se poer de verbo a verbo no capitulo seguinte.

### C A P I T U L O C I I I .

*Em que se relata a sentença que sobre este desastrado caso deu contra a cidade de Lisboa, & seu termo, & o demais que el Rei sobre isso fez.*

**S** Abida por el Rei a (uniam) que se fezera em Lisboa determinou de dar logo sobrisso castigo aos culpados. Polo que em chegando a Beja se despedio com brevidade da Infante dona Beatriz sua mãe que de ahi a poucos dias faleceo na mesma cidade, & se veo a Euora pera alli sperar recado, & certeza do que passaua em Lisboa, o que sabido, por a cidade ainda estar impedida de peste se veo a Setuval, pera de mais perto, & com mor brevidade prouer neste caso, donde por informações que teve de muita negligencia, que Aires da Sylva Regedor da casa da Supplicação, & dom Alvaro de Castro Governador da casa do ciuel de Lisboa, neste caso usarão, & assi os vereadores, lhes estranhou per suas cartas a todos o erro que em hum tal, & tão graue negocio cometerão, sobelo que el Rei logo mandou proceder, & se deu huma sentença, de que o theor he o seguinte.

¶ Dom Emanuel pela graça de Deos, Rei de Portugal, &c. Fazemos saber, que oulhando nós os muitos insultos, & danos que em a nossa cidade de Lisboa, & seus termos forão cometidos, & feitos de muitas mortes de christãos novos, & queimamento de suas pessoas, & assi outros muitos males sem temor de nossas justiça, nem receo das penas em que cometendo os taes maleficios encorriam, nam esguardando quanto era contra seruiço de Deos, & nosso, & contra ho bem, & affossego

fossego da dita cidade, visto como a culpa de taõ inormes damnos, & maleficios, não tão somente carregava sobre aquelles que o fezerão, & cometerão, mas carregava isso mesmo muita parte sobre os outros moradores, & pouo da dita cidade, & termo della, em que os ditos maleficios forão feitos, porque os que na dita cidade, & lugares estauam se não ajuntarão com muita diligencia, & cuidado com nossas justiças, pera resistirem aos ditos malfeitores, o mal, & damno que assi andauam fazendo, & os prenderem pera auerem aquelles castigos, que por tão grande desobediencia as nossas justiças merecião, & que todos os moradores da dita cidade, & lugares do termo em que forão feitos deuerão, & erão obrigados fazer, & por assi não fazerem, & os ditos malfeitores não acharem quem lho impedisse, creceo mais a ousadia, & foi causa de muito mal se fazer, & ainda alguns deixauam andar seus criados, filhos, & seruos nos taes ajuntamentos sem disso os tirarem & castigarem como (theudos) eraõ. E porque as taes cousas não devem passar sem grave punição, & castigo segundo a differença, & calidade das culpas que huns, & outros nisso tem. Determinamos, & mandamos sobre ello com o parecer de alguns do nosso conselho, & desembargo, que todas, & quaesquer pessoas, assi dos moradores da dita cidade, como defora della que forem culpados em as ditas mortes, & roubos, assi os que per sim matacão, & roubarão, como os que pera as ditas mortes, & roubos deram ajuda, ou conselho, allem das penas corporaes, que por suas culpas merecem, percão todos seus bens, & fazendas assi (mouens) como de raiz, & lhes sejaõ todos confiscados perà coroa de nossos regnos, & todos os outros moradores, & pouos da dita cidade, & termos della, onde os taes maleficios forão cometidos que na dita cidade, & nos taes lugares presentes eram, & em os ditos ajuntamentos, não andarão, nem cometerão, nem ajudarão a cometer nenhum dos ditos maleficios, nem derão a isso ajuda, nem fauor, & porem forão

forão remissos, & negligentes em não resistirem aos ditos malfeitores, nem se ajuntarão com suas armas com nossas justiças, & poerem suas forças pera contrariarem os ditos males, & damnos, como se fazer deuera, peccão pera nós a quinta parte de todos seus bens, & fazendas, movens, & de raiz, posto que suas mulheres em ellas partes tenham, a qual quinta parte será também confiscada perà coroa de nossos regnos. Outro si determinamos, & auemos por bem (visto o que dito he) que da publicação desta em diante não aja mais na dita cidade eleição dos vinte quatro dos mestres, nem isso mesmo os quatro procuradores delles, que na camara da dita cidade soham destar pera entenderem no regimento, & segurança della, com os vereadores da dita cidade, & os nam aja mais, nem estem na dita camara, sem embargo de quaesquer priuilegios, ou sentenças que tenham pera o poderem fazer, & bem assi polas cousas sobreditas deuassamos em quanto nossa merce for o povo da dita cidade, pera apouentarem com elles, como se faz geralmente em todos os lugares de nossos regnos, ficando porem a renda da imposiçam pera se arrecadar, como ategora se faz, per officiaes que nós pera isso ordenamos, para fazermos della o que houvermos por bem, & nosso seruiço. Porem mandamos ao nosso corregedor da dita cidade, & a todos os outros corregedores, juizes, & justiças a que pertence, & aos vereadores da dita cidade, & ao nosso apouentador mor, que assi o cumpram, & guardem em todo sem duvida, nem embargo que a isso ponhão, porque assi he nossa merce. Dada em Setuval a xxij. dias de Maio de mil quinhentos & seis annos.

F I M

Da Primeira Parte da Chronica do Felicissimo  
Rei dom Emanuel.

T A.

# T A B O A D A

DOS CAPITULOS DA PRIMEIRA PARTE  
da Chronica del Rei dom Emanuel.

**C**APITULO I. *Em que se trata do falecimento del  
Rei dom Ioam. Pagina 1.* —

CAP. II. *De como dom Emanuel foi aleuantado, &  
jurado por Rei. pag. 6.*

CAP. III. *Em que se declara a sucessam destes Regnos por  
falecimento del Rei dom Ioam pertencer directamente a el  
Rei dom Emanuel. pag. 7.*

CAP. IV. *Do tempo em que el Rei dom Emanuel nasceo. pag. 8.*

CAP. V. *Da criaçaõ que el Rei dom Emanuel teue. pag. 9.*

CAP. VI. *Da casa, & estado que dom Emanuel teue depo-  
is da morte do Duque dom Diogo seu irmaõ. pag. 11.*

CAP. VII. *De como se el Rei foi Dalcacer do sal a Monte-  
mór o nouo onde o dom George veo ver. pag. 13.*

CAP. VIII. *Do que se fez em Monte mór depois dos esta-  
dos do regno serem juntos. pag. 15.*

CAP. IX. *De como el Rei confirmou has merces, que el Rei  
dom Ioã fez na hora de sua morte. pag. 16.*

|| CAP. X. *De como el Rei libertou hos Iudeos, que ficaraõ  
captiuos do tempo del Rei dom Ioam. pag. 18.*

*Jud*

CAP. XI. *De como el Rei entendeu em prouer hos lugares  
Dafrica. pag. 20.*

CAP. XII. *De huma victoria que dom Ioam de Menezes ca-  
pitaõ Darzilla ouue de Mouros. 21.* —

CAP. XIII. *Da vinda dos filhos do Duque de Bragança  
ao Regno. pag. 24.* *Varanteu*

CAP. XIV. *De como el Rei fez Conde de Portalegre Diogo  
da Silva de Menezes seu aio. pag. 27.* —

CAP. XV. *De como el Rei mandou a Roma Pero Correa so-  
bre negocios que tinba com o Papa. pag. 28.*

CAP. XVI. *De como el Rei acrecentou has rações dos luga-  
res Dafrica. 29.*

- CAP. XVII. De como el Rei alcançou do Papa, que os comendadores da Ordem de Christus, & de Avis podessem casar. pag. 30.
- CAP. XVIII. De como el Rei mandou lançar hos Mouros, & Iudeos fora de seus regnos. pag. 31.
- CAP. XIX. Da Embaixada que os Reis de Castella mandaram a el Rei sobre alianças. pag. 33.
- CAP. XX. De como el Rei mandou tomar os filhos aos Iudeos, que se hiam fora destes regnos. 35.
- CAP. XXI. Do fructo que se fez em tornar os Iudeos Christãos. pag. 37.
- CAP. XXII. De como se começou tratar o casamento del Rei com a Princesa donna Isabel. pag. 39.
- CAP. XXIII. De como el Rei mandou Vasco da Gama por capitaõ de tres naos, pera proseguir no descobrimento da India. 41.
- CAP. XXIV. Em que se trata do casamento del Rei com a Princesa donna Isabel. pag. 45. 24 de Ago. 1494
- CAP. XXV. De como el Rei assentou de dar foraes novos a todos los lugares do Regno. pag. 48.
- CAP. XXVI. Como el Rei fez cortes em Lisboa pag. 49.
- CAP. XXVII. Do que se passou desno dia que el Rei, & a Rainha, partiram Delvas, ate chegarem a Toledo. pag. 55.
- CAP. XXVIII. De como el Rei, & a Rainha entraram em Toledo. pag. 57.
- CAP. XXIX. De como el Rei dom Emanuel, & a Rainha donna Isabel sua molher, forão jurados por Principes herdeiros de Castella, & Leão. pag. 59.
- CAP. XXX. De como os Reis de Castella, & Portugal partirão de Toledo pera Aragoã. pag. 62.
- CAP. XXXI. De como el Rei libertou ha cleresia de não pagar fisas, nem dizimas. pag. 64.
- CAP. XXXII. De como a Rainha pario hum filho, & morreo do parto delle. pag. 65.
- CAP. XXXIII. Da embaixada que el Rei mandou ao Papa Alexandre. pag. 66.
- CAP. XXXIV. De como o Principe dom Miguel foi jurado. pag. 68.

- CAP. XXXV. *Do que Vasquo da Gama passou em sua viagem, ate chegar à augoada de S. Braz.* pag. 69.
- CAP. XXXVI. *Do que passou Vasquo da Gama ate chegar à ilha de Moçambique.* pag. 74.
- CAP. XXXVII. *De como o Xeque Cacaoia, cuidando serem os nossos mouros, se veio ver com Vasquo da Gama.* pag. 78.
- CAP. XXXVIII. *Do sitio da cidade de Melinde.* pag. 83.
- CAP. XXXIX. *Do que Vasquo da Gama fez desque surgio, & do recado que mandou a el Rei de Calecut.* pag. 88.
- CAP. XL. *Do que Vasquo da Gama passou ate chegar a Calecut.* pag. 91.
- CAP. XLI. *Do modo que el Rei de Calecut teve em receber Vasquo da Gama.* pag. 93.
- CAP. XLII. *De crença, seita, cerimonia, & costumes dos Gentios Canarins, Bramanas, & Naires.* pag. 96.
- CAP. XLIII. *Do que Vasquo da Gama passou com el Rei de Calecut, ha segunda vez que se viram.* pag. 100.
- CAP. XLIV. *Do que Vasquo da Gama passou em Anchediua.* pag. 106.
- CAP. XLV. *De como o corpo del Rei dom Ioam foi levado da Sè de Sylves ao Convento da Batalha.* pag. 110.
- CAP. XLVI. *De como el Rei casou com ha Infante donna Maria, filha dos Reis de Castella.* pag. 113.
- CAP. XLVII. *De como el Rei determinou passar em Africa.* pag. 115.
- CAP. XLVIII. *De como dom Ioam de Menezes, capitão Darzilla, & dom Rodrigo de Monsanto capitão de Tanger, foram sobre humas aldeas Dalcacerquibir.* pag. 117.
- CAP. XLIX. *De como el Rei de Fès veio correr a Tanger.* pag. 119.
- CAP. L. *De como el Rei de Fès foi correr Arzilla.* pag. 121.
- CAP. LI. *Darmada que el rei mandou em ajuda dos Venezeanos contra o Turco.* pag. 123.
- CAP. LII. *Do que o Conde passou nesta viagem depois q̄ partio da Mezalquebir.* pag. 125.
- CAP. LIII. *Da fundaçam do Mosteiro de Bethalem, & da Torre.* pag. 127.

CAP.

CAP. LIV. *Da segunda armada que el Rei mandou á India de que foi per capitaõ Pedralvres cabral.* pag. 130.

CAP. LV. *Do descobrimento da terra de Sancta Cruz, a quem chamaõ do Brasil.* pag. 132.

CAP. LVI. *Dalgumas particularidades da terra de Santa Cruz, & costumes da gente della.* pag. 135.

CAP. LVII. *Do que Pedralvrez Cabral passou depois que partito da terra de Sancta Cruz, ate chegar a Calecut.* pag. 144.

CAP. LVIII. *Do que Pedralvrez Cabral passou em Calecut.* pag. 149.

CAP. LIX. *De como per treizam dos Mouros de Calecut foi morto Aires Correa.* pag. 152.

CAP. LX. *Do que Pedralvrez passou em Cochim.* pag. 156.

CAP. LXI. *Do casamento do Duque de Bragança dom Iaime.* pag. 160.

CAP. LXII. *Do nascimento do Principe dom Ioaõ.* pag. 162.

CAP. LXIII. *De como el Rei mandou Ioaõ da Nova á India por capitaõ de quatro naos.* pag. 163.

CAP. LXIV. *De como el Rei foi aforrado a Galiza visitar a casa do Apostolo Sanctiago.* pag. 167.

CAP. LXV. *De como el Rei quisera passar em Africa, & a causa porque o nam fez.* pag. 169.

CAP. LXVI. *De como el Rei mandou duas naos em busca dos Corterreaes.* pag. 170.

CAP. LXVII. *De como el Rei fez cortes em Lisboa onde o Principe foi jurado.* pag. 172.

CAP. LXVIII. *Do que o Almirante dom Vasquo da Gama passou ha segunda vez, que foi á India ate chegar a Cochim.* pag. 173.

CAP. LXIX. *Do que o Almirante dom Vasquo da Gama fez em Cochim, & Calecut.* pag. 177.

CAP. LXX. *De como dom Ioam de Meneses, & dom Ioam de Meneses Conde de Tarouqua, foram correr o campo Dalcacer quibir.* pag. 182.

CAP. LXXI. *Doutra entrada que o Conde de Tarouqua, & dom Ioam de Meneses, fizeram ate huma legoa Dalcacer quibir.* pag. 184.

CAP.

CAP. LXXII. Doutra entrada que dom Ioam de Meneses.  
pag. 186.

CAP. LXXIII. De como el Rei de Calecut começou de fazer  
guerra a Triumpara Rei de Cochim. pag. 187.

CAP. LXXIV. De como se perderão nas ihas de curia muria  
Vicente Sodré, & Bras Sodré. pag. 192.

CAP. LXXV. Do nascimento da Infante donna Isabel. pag. 194.

CAP. LXXVI. De como el Rei mandou mestres a Congo, pera  
ensinarem os daquellas provincias has cousas da nossa Fé.  
pag. 195.

CAP. LXXVII. Do que Afonso Dalbuquerque, & Francisco  
Dalbuquerque passaram em sua viagem ate chegarem a Co-  
chim. pag. 196.

CAP. LXXVIII. De como el Rei de Cochim deu licença a Fran-  
cisco Dalbuquerque, pera fazer huma fortaleza. pag. 199.

CAP. LXXIX. Do sitio da cidade de Coulam, & dos costumes  
dos Christãos que nella vivem. pag. 202.

CAP. LXXX. De como se fezeram pazes com el Rei de Calecut,  
que se logo quebraram. pag. 204.

CAP. LXXXI. Da viagem que Antonio de Saldanha fez á  
India. pag. 207.

CAP. LXXXII. Da morte de dom Afonso Condestabre de  
Portugal, & da Rainha de Castella. pag. 210.

CAP. LXXXIII. De como dom Ioam de Meneses foi per-  
mar a Larache. pag. 211.

CAP. LXXXIV. De como dom Ioam de Meneses foi sobre  
humas aldeas de mouros, &c. pag. 213.

CAP. LXXXV. De como se renovou a guerra entre os Reis  
de Calecut, & Cochim. pag. 215.

CAP. LXXXVI. Do que Duarte Pacheco fez depois de che-  
gar ao passo de Cambalam. pag. 218.

CAP. LXXXVII. Do segundo, & terceiro combate que o  
Camorij Rei de Calecut deu aos nossos. pag. 222.

CAP. LXXXVIII. De como el Rei de Calecut passou o rio  
de Repelim. pag. 226.

CAP. LXXXIX. De como el Rei de Calecut em pessoa com-  
bateo o passo do vao. pag. 230.

CAP.

CAP. XC. *Das treições que el Rei de Calecut, ordenaua pera matar os nossos.* pag. 235.

CAP. XCI. *De como Duarte Pacheco desbaratou outra vez el Rei de Calecut.* pag. 237.

CAP. XCII. *Dalgumas cousas que succederam depois deste combate.* pag. 241.

CAP. XCIII. *De como el Rei mandou dom Francisco Dalmeida á India.* pag. 244.

1505 CAP. XCIV. *Dalgumas cousas que neste anno de mil, & quinhentos, & cinco passaraõ no regno.* pag. 250.

CAP. XCV. *De como Francisco Pereira Pestana foi Jobre huma aldea, & do que lhe aconteceu.* pag. 252.

CAP. XCVI. *De como el Rei mandou a India treze naos, de de que foi por capitaõ Lopo Soares Dalvarenga.* pag. 253.

CAP. XCVII. *Do que Lopo Soares fez depois que chegou a Cochim.* pag. 256.

CAP. XCVIII. *Em que se declara donde os Christãos de Cranganor trazem seu principio.* pag. 259.

CAP. XCIX. *Do que Lopo Soares fez depois da victoria que ouue em Cranganor.* pag. 263.

CAP. C. *Em que per hum blasam darmas, que el Rei de Cochim deu a Duarte Pacheco, se aprovãõ, & confirmaõ na verdade os notaveis feitos, que fez na India, contra o Camorij Rei de Calecut.* pag. 267.

CAP. CI. *Do nascimento do Infante dom Luiz.* pag. 270.

Jud CAP. CII. *De como el Rei mandou Tristaõ da Cunha a India; & do alevantamento que se em Lisboa fez contra os cristãos novos.* pag. 277.

CAP. CIII. *Em que se relata ha sentença, que se sobre este caso deu contra a cidade de Lisboa, & seu termo.* pag. 280.

SEGUNDA PARTE  
DA CHRONICA  
DO  
FELICISSIMO REY  
D. EMANUEL  
DA GLORIOSA MEMORIA,

A qual por mandado do Serenissimo Principe, ho Infante Dom Henrique seu Filho, ho Cardeal de Portugal, do Titulo dos Santos Quatro

Coroados

DAMIAM DE GOES

Collegio & compoz de novo.

CAPITULO I.

*Do Regimento que el Rei deu a dom Francisco dalmeida antes que partisse perà India.*

**N**O anno de M. D. V. como ja fica dito, ordenou el Rei de mandar dom Francisco dalmeida por gouernador a India, por Tristaõ da cunha a quem ja tinha prouido deste cargo, adoecer de doença de que por entam ficou cego, pera o qual negocio mandou el Rei chamar dom Francisco a Coimbra onde aquelle tempo estava

com seu irmão dom George Bispo da mesma cidade, filhos de dom Lopo Dalmeida primeiro Conde Dabrantés. E porque el Rei dos negocios que já erão passados na India entendia bem, que pera segurança della lhe era necessario mandar mor armada, & mais gente do que o ate então fizera, & capitão geral que naquellas partes residisse, ordenou que nesta fossem mil, & quinhentos soldados em dezaseis naos, & seis carauelas de que os capitães das naos eraõ o mesmo dom Francisco, dom Fernando de Sa, Fernão soares, Rui freire, Vasco dabreu, Ioão da nova, Pero danhaia, Sebastião de soula, Diogo correa, Pero ferreira fogaça, Lopo sanches, Phelipe rodrigues, Lopo de Deos capitão, & Piloto, Ioão ferrão, Antão gonçalves alcaide de Cezimbra, & Fernão bermudez castelhano, filho de Christouam bermudez, que foi preso no desbarato de dom Garfia de meneses Bispo deuora, & degolado na villa de lobom em Castella, por ter a parte Portuguesa como na Chronica do Principe dom Ioão, o trato per extenço. Das carauelas erão capitães Gonçalo vaz de goes, Gonçalo de paiva, Lucas da fonsca, Lopo chanoca, Ioão homem, & Antão vaz. A dom Francisco dalmeida fez el rei muitas merces, por aceitar este cargo sem nullo fazer duvidas, nem mostrar agrauos polo ter dado a Tristão da cunha primeiro que a elle, & o mesmo fez a dom Lourenço dalmeida seu filho que comsigo leuou a India. Poucos dias antes que esta armada partisse, deu el rei regimento a dom Francisco do que auia de fazer, assi no discurso da viagem, como depois de ser na India, das forças do qual (por ser o primeiro que se deu a Governador, & Vicerei da India) farei aqui hum breve fumario. Primeiramente lhe mandou entre outras cousas, que de caminho trabalhasse por fazer huma fortaleza em Cofala, de que tinha dado a capitania a Pero danhaia, que com elle mandaua com nauios, & gente que pera isso ordenara, no fazer da qual fortaleza ularia com o Xequé da terra toda a amizade, & bem querença que

lhe

lhe fosse possível, deixando-o livremente usar, & gozar dos direitos, que acostumava receber dos mercadores que aquelle seu porto vinhão, & que quantos mouros alli achasse resgatando captiuasse, & lhes tomasse o ouro que tiuessem resgatado, & que se o Xeque dislo se queixasse, lhe dicesse que o fazia por elles terem continua guerra com os Christãos, & lhes tomarem seus bens, & os captiuarem onde quer que o podiam fazer, pelo que licitamente lhes podia fazer a mesma guerra. E que como a fortaleza fosse posta em altura que le podesse defender, partisse pera Quiloa, onde ordenaua, que se fezesse outra fortaleza, ao qual lugar, em chegando, mandaria pedir a el Rei as pareas que deuia, & que dando-lhas, o tratasse como amigo, & querendo fazer resistencia lhe fezesse guerra, como a imigo, & per força fezesse a fortaleza de que tinha prouido da capitania Pero Ferreira Fogaça, & dalcaidaria mór Duarte de Mello, na qual deixaria a gente que fosse necessaria, & huma carauella, & hum bargantim pera guarda da costa, & que com a mór brevidade que lhe fosse possível partisse dalli pera chegar à India a tempo que podesse dar carga às naos que auião de tornar pera o regno: & que antes de partir, ou depois, per qualquer nauio da terra, mandasse a el Rei de Melinde per hum dos degradados que com elle hião, as cartas que lhe leuaua, & lhe screvesse o que passara em Quiloa, & de sua parte lhe fezesse muitos offercimentos, como a bom amigo. Allem disto que como partisse de Quiloa, mandasse dous bargantis, que sem entrar no estreito do mar de Arabia corressem toda a costa, ate o cabo de Guardafum, pera lhe trazerem nouas a Anchediua de tudo o que achassem naquella costa, na qual ilha lhe mandaua que fezesse huma fortaleza, de que hia prouido por capitão Emanuel Paçanha, onde da madeira que leuaua, mandaria fazer as galès do modo que lho dera per regimento: & pera prouedor desta obra ficasse alli Ioão Serrão. O que feito, & a fortaleza posta em altura que lhe parecesse de-

fensavel se partisse pera Cochim, deixando a Emanuel  
 paçanha duas carauellas das que leuaua, & se lhe pare-  
 cesse necessario deixar-lhe mais alguns nauios o fezesse,  
 & que de Anchediua fosse sempre de longo da costa ate  
 Cochim, pera ver se podia tomar algumas naos de Ca-  
 lecut, ao qual rei faria sempre crua guerra, polo ter por  
 imigo capital, mas que aos de Cochim, & de Cananor  
 fauorecesse sempre como amigos, aos quaes daria suas  
 cartas, & presentes que lhe leuaua, com os offerecimen-  
 tos que lhe parecesse necessarios: o que feito trabalharia  
 de despachar as naos que auião de tornar pera o re-  
 gno, de que ferião capitães, Rui Freire, Fernão Soa-  
 rez, & Sebastião de Sousa. E que sabida a carga que  
 podia auer em Cochim pera as naos, se passasse logo a  
 Coulam com as outras naos, pera as là fazer carregar,  
 & as cartas que leuaua pera o Rei da terra lhas desse,  
 estando elle ahi, & que sobre tudo trabalhasse por auer  
 licença del Rei pera ahi fazer huma fortaleza. E que em  
 qualquer lugar destes que as naos tomassem carga, que  
 tanto que tres fossem prestes lhes daria capitães, & as  
 despacharia sem mais esperarem pelas outras, o que tra-  
 balharia que fosse sempre de todas no mes de Ianeiro,  
 & que despachadas aquellas que no Ianeiro seguinte auia  
 de mandar com carga pera o regno, se fosse ao mar de  
 Arabia, deixando prouidas as fortalezas de Cochim &  
 Anchediua, & que na boca delle, onde lhe melhor pa-  
 recesse fezesse huma fortaleza perá impedir a nauegação  
 aos mouros de Meca pera a India, na qual acabada  
 deixaria por capitão Emanuel paçanha, que consigo le-  
 uaria de Anchediua, & por alcaide mor Fernam san-  
 chez, aos quais deixaria todas as munições de guerra,  
 & nauios que lhe fossem necessarios, segundo a calida-  
 de do lugar: lembrando-lhe quam longe ficauam de so-  
 corro: o que tudo feito se tornaria pera a India, onde  
 como chegasse mandaria fazer a fortaleza de Coulam  
 (se pera isso podesse auer licença do Rei) na qual fi-  
 caria por capitão Lourenço de Brito. E que quanto a el  
 Rei

Rei de Calecut, que se lhe mandasse commeter paz que lha outrogasse sendo el Rei de Cochim disso muito contente, mas que fazendosse a tal paz seria com condicam, que todolos mouros de Meca se saissem da cidade, dando el Rei de Calecut pera firmeza da tal paz, todolos arrefens, & leguranças necessarias, & que quando tornasse do mar de Arabia pera a India, fezesse da sua armada as frotas que lhe parecesse, mandando com ellas correr as costas de Chaul, Dabaul, Cambaia, & Ormuz. E que com todolos Reis, que quisessem com elle paz a fezesse, pondo-lhe os tributos que honestamente podessem pagar, & que lhe encômendaua, que tratasse muito bem todolos Christãos, que em aquellas partes ouuelle, & assi mesmo aos que se conuertessem a Fé, de qualquer lei, & feita que fossem. E que se lhe parecesse bem dar alguns asentamentos aos senhores, & pessoas principaes daquellas prouincias o fezesse, segundo a calidade de cada hum delles: & que sobre tudo, pela grande confiança que delle tinha lhe daua poder pera prouer, assi nas cousas da justiça, como nas da sua fazenda, o que lhe encomendaua que fezesse de maneira, que fosse inteiramente guardado seu seruiço, & a justiça conferuada, & feita a todos geralmente: o que cumprindo, alem do que era obrigado, pelo cargo que tinha, lhe faria nullo mui grande seruiço.

## CAPITULO II.

*Do que dom Francisco Dalmeida passou do dia que partio do porto de Bethalem, ate chegar a Quiloa, & o que abi fez.*

**P** Restes a armada, sendo el Rei presente, partio dom Francisco Dalmeida do porto de Bethalem aos xxv. dias do mes de Março de mil, & quinhentos, & cinco, sem a nao de Pero Danhaia, por quanto se perdeu no mesmo porto com tormenta. Pela qual razam na fim do

do regimento que el Rei deu a dom Francisco lhe mandou que nam toquasse em Cofala, mas que rota batida se fosse a Quiloa fazer a fortaleza, que lhe ahi mandava que fezesse. Partida a armada, com mui bom tempo chegou dom Francisco ao porto Dale, na costa de Guine, onde se deteu nove dias, fazendo augoada, & foi alli bem festejado do Rei da terra. O que acabado se fez a vela aos xxv. dias do mes de Abril, & sendo ja quasi junto da linha Equinocial lhe sobrevierão calmarias que duraram catorze dias. Andando assi neste trabalho per conselho, & parecer dos outros capitães, porque algumas destas velas erão zorreiras, & não podião ter com as outras partio a frota em duas capitancias, tomando pera a sua treze naos, & a carauella de Gonçalo de paiua, & das naos de Lopo Sanches, & de Sebastião de Sousa com as cinco carauellas deu a capitania a Emanuel paçanha sogro de Sebastião de Sousa, em cuja nao hia prouido da fortaleza que se auia de fazer em Anchediua. Separadas estas capitancias, passaraõ todos juntos a linha, aos vintanove dias do mes de Abril na qual derrota despois das frotas serem ja apartadas huma da outra, a nao de Pero ferreira fogaça, com calmarias, & vanzear, por ser muito velha, fez duas vezes agoa de que na derradeira se foi ao fundo, sem della se salvar mais que a gente, & huma arca de prata da capella de dom Francisco dalmeida. Passada esta calmaria, seguindo sua viagem, os pilotos per ma nauegação com medo do cabo de boa Sperança, se poseram em altura de quarenta graos, da banda do Sul, onde por ja ser neste tempo Inuerno naquellas partes, acharão os dias mui pequenos, com tantos frios, & neues que as pas a lançavam fora das naos, com o qual trabalho dobrou o cabo aos xxvi. dias do mes de Junho, cento, & setenta, & cinco legoas a la mar, & chegandosse o mais que pode a terra, lhe deo aos dous dias de Julho huma tão forte trovoada, que rompeo as velas da sua nao, & as de Diogo correa, da qual nao de Diogo correa

correa cairão tres homens ao mar, de hum dos quaes que se salvou porei aqui hum caso espantoso, pera exemplo de todo o Principe, Rei, & senhor, por grande que seja, fazer que seus filhos saibam a arte, & exercicio do nadar, com o qual muitos se salvaram de grandes perigos, & outros polo não saberem se afogarão em pequenos vaos. Este homem se chamava Fernam lourenço, que como cahio da nao, em surdindo arriba dagoa, alevantou hum braço pera que o vissem, & dixee a alta voz, que mandassem ter tento nelle ate pela manhã, porque ate entam se atreuia nadar, o que o capitão fez, & foi ao outro dia tomado. Nesta tormenta se perdeu da frota a nao de Ioam ferrão, per cujo respeito dom Francisco andou ao paio alguns dias, mas vendo que não apparecia, mandou seguir viagem, & aos xvij. dias do mes de Julho virão as ilhas primeiras, donde logo despedio Gonçalo de paiva pera Moçambique a saber se as armadas de Francisco dalbuquerque, & Afonso dalbuquerque, & Lopo Soarez passarão pera o regno, & o q̄ lhes em suas viajens acontecera. O que feito se partio rota abatida pera Quiloa, onde chegou aos xxij. dias de Julho, & porque a nao de Gonçalo de paiva lhe ficava a rè, sendo dom Francisco ja a vista de Moçambique, mandou ao mesmo negocio Fernão Bermudez. Surta a armada na barra de Quiloa, dom Francisco mandou visitar el Rei por Ioão da noua, mas elle com receo dos erros que tinha cometido contra os nossos depois da visitaçõ se sahio da cidade, o mais secretamente que pode, ficando nella Mahamed anconij, de quem fiz menção, quando o Almirante dom Valco da gama alli veo ter. Com este Mahamed anconij fezerão corpo os que ficarão na cidade, em que aueria mil, & quinhentos homens de peleja, com tenção de se defenderem. Dom Francisco vendo que el Rei lhe não vinha falar como lhe mandara dizer per cinco mouros, que com receo do que ja sospeitaua não quis deixar tornar a terra, ao outro dia pela manhã vinta tres dias de Julho, vespo-

vespora do dia do Apostolo Sanctiago deu na cidade com trezentos homens, & dom Lourenço seu filho com duzentos desembarcando elle na parte que estava defronte da frota, & dom Lourenço defronte das casas del Rei, chegarão a praia a tempo que batia a agua nas casas, por ser preamar onde logo dom Francisco sahio primeiro que todos em terra, com a bandeira Real que levava Pero cá, que servia dalferes, & apos elle os outros capitães, sem acharem resistencia, o que parecendo cilada mandou que mui atento entrassem pela cidade, na ordem que lhes pera isso deu na qual acharão ainda alguma gente tão desordenada, que sem nenhum perigo chegaram a humas casas del rei, que estão no cabo della, onde dom Francisco achou já seu filho dom Lourenço, que ate alli viera sem achar quem lho estorvasse. Mahamed anconij como sua tenção era não pelejar com os nossos na mesma hora que desembarcarão se sahio da cidade com a mais gente de guerra que nella avia. Em dom Francisco chegando às casas del Rei mandou logo quebrar as portas que estavam fechadas, & cuidando que estivesse el Rei nellas dixe a dom Lourenço que entrasse dentro, & o prendesse, & lho trouxesse vivo, mas dom Lourenço o nam achou nos paços, & dalguns mouros que se alli acolherão, que pera sua salvação poseram humma bandeira das quinas em humma torre dos paços, soube que era fogido. Acabado este negocio dom Francisco se foi aposentar em humas das melhores casas da cidade, que estauam sobelo mar, dando logo licença à gente que a fosse saquear, defendendo-lhe que com tudo nam possesse fogo a cousa nenhuma, & que tudo quanto achassem de preço metessem em humas casas junto das suas, pera se depois repartir per todos, o que se assi fez de muitas mercadorias, & algumas cousas douro, e prata, tomando dom Francisco pera si humma sò frecha, dizendo que pera elle aquillo abastava. Avida esta pacifica victoria, armou dom Francisco dalmeida alguns cavaleiros, de que hum foi Fernam perez dandrade, pessoa que depois

pois na India, & em outras partes fez affinados servicos a estes regnos. E logo ao outro dia começou a fortaleza nas mesmas casas em que pousava, por estarem em lugar proprio pera o tal edificio, por a agoa bater nellas, pera segurança do que mandou derribar tantas casas vezinhas a esta, quantas lhe pareceo necessario, de modo que fez hum mui espaço terreno, por onde a artilharia podia varejar huma boa parte da cidade, e per honra do bemaventurado Apostolo Santiago, em cujo dia esta fortaleza começou lhe pos o nome da sua avocaçam. Neste mesmo dia, sabendo dom Francisco que Mahamed anconij estava com a gente, que se com elle fairsa perto da cidade, lhe mandou dizer per João da Nova, que sua tençam era fazelo Rei de Quiloa, que se podia tornar, & de sua parte dizer o mesmo a todos que fugirão, que elle lhes daua pera isso licença, & os teria, & manteria em justiça como a vassallos del rei de Portugal seu senhor, a cuja obediencia auiam de ficar, com muitas mais liberdades, & privilegios do que tinham em poder do tyranno que era fugido, com o qual recado se tornaram todos pera cidade em dia de Sancta Anna, vinta seis dias do mes de Julho, vindo Mahamed anconij em hum fermoso caualo, que lhe dom Francisco mandou concertar a gineta, com jaezes douro, & prata, & todos os outros a pè, indo diante Gaspar, dizendo a alta voz em lingua Arabiga, este he o vosso Rei a elle aueis de obedecer em nome del rei dom Emanuel de Portugal nosso Senhor, cujos vassallos todos sois. E desta maneira andou per todas as ruas principaes da cidade ate chegar as casas onde se fazia a fortaleza, porque alli o estava sperando dom Francisco dalmeida no terreno, em hum cadafalso emparamentado de panos douro, & de seda, no qual lugar a vista de todo o povo, & de mais da nobreza daquella cidade, pondolhe huma coroa de ouro na cabeça, que leuaua para el Rei de Cochim, o alevantou por Rei do regno de quiloa, & elle jurou em sua lei de ser leal aos Reis de Portugal, &

de ser seu vassallo, com o tributo que ja era posto aos reis daquelle regno de quiloa, o que assi solemnizado, dom Francisco o coroou, & lhe entregou o regno, do que mandou fazer estromentos publicos em lingua Arabia, & Portuguesa, que mandou a estes regnos afinados por el Rei, & polos principais da terra, que a este auto foram presentes, & por elle, & por todos os capitães da frota, & pessoas nobres que nella hião, os quaes devem ser perdidos como o sam outras muitas cousas dignas de memoria por se nam lançarem na torre do tombo como em seu proprio, & ordenado lugar. Feito este auto dom Francisco dalmeida levou el Rei Mahamed anconij aos paços, onde o deixou com muito contentamento dos da cidade, e dos nossos, pollo elle mesmo merecer, & pelas boas partes que nelle auia. Estando os negocios neste termo chegaram de Moçambique Gonçalo de paiua, & Fernão bermudez com novas de star a terra pacifica, & cartas que lhe o Xequie dera de Francisco dalbuquerque, & de Lopo Soarez, em que dauam auiso aos capitães que per alli passassem do termo, & estado que deixauam as cousas da India. E logo dahi a poucos dias, que foi aos tres dias do mes Dagoisto chegou a quiloa Ioam ferraõ capitão da nao bota fogo, que com tormenta se perdera desta armada, como atras fica dito. Iuntas estas naos, & procedendo a obra da fortaleza, el rei Mahamed anconij veo visitar dom Francisco, & lhe pedio os mouros que na entrada da cidade foram captivos, os quaes lhe dom Francisco Dalmeida mandou dar todos allem do que lhe dixee, que elle fora tamanho amigo del Rei Alfudail, que o tyramno Abrahemo matara, que se ainda fora viuo lhe dera o regno de sua propria, & livre vontade, com as condições que o recebera, mas ja que era morto lhe quifesse conceder, que per morte delle Mahamed anconij, ficasse o regno a hum filho do dito Rei defunto, posto que elle mesmo tivesse filhos que podiam soceder, & que antes que se dalli o fosse o fezesse jurar por Principe, pera o que o mandaria logo vir, &

o teria consigo como a proprio filho. Dom Francisco lhe concedeo o que pedia espantado, assi elle, como todos da frota, & os da terra, de huma tamanha, & tam desacustumada virtude. Polo que mandou logo Ioam da Noua por este filho del Rei Alfudail que estaua terra firme, mea legoa da ilha, & o fez jurar por Principe herdeiro do regno de Quiloa, por falecimento del rei Mahamed anconij, que a este tempo seria homem de setenta annos. O que tudo acabado, e a cidade pacifica, ficando ja a fortaleza em altura que se podia mui bem defender. Dom Francisco Dalmeida partio de Quiloa vespóra do bemaumenturado Saõ Lourenço, nove dias do mes Dagosto, para ir sobre Mombaça, deixando regimento a Pero ferreira fogaça, que hia provido da capitania desta fortaleza do que avia de fazer, & cartas pera Emanuel paçanha capitam da frota que na viagem se separara da sua em que lhe mandava que tanto que alli viesse partisse logo pera Mombaça, & que se o ahi não achasse se fosse pera India, ou pera Melinde, sabendo que estaua ahi, & que por guarda daquella costa deixasse em Quiloa Gonçalo vaz de goes na sua carauela, & hum bargantim que se depois auia de armar.

## CAPITULO III.

*Do que dom Francisco Dalmeida fez em Mombaça, & como depois de a tomar, & queimar, partio pera Melinde, & dahi pera a India*

Quatro dias depois de se dom Francisco dalmeida fazer a vela de Quiloa chegou a boca da barra de Mombaça, donde como surgio mandou logo Gonçalo de paiva que a fosse sondar com dous mouros pilotos que trouxera de Quiloa, & indo sondando chegarão a hum baluarte, do qual lhe tiraram duas bombardadas, de que a huma lhe passou o costado da caravela, ao que respondendo com a sua artelharía, tratou

o baluarte de maneira que o fogo se accendeo nelle, & os que o guardauam fugiram perà cidade, o que feito se tornou com recado a dom Francisco que podia entrar sem perigo por a barra ter fundo pera isso. Surto diante da cidade, mandou per hum dos pilotos mouros recado a el Rei de Mombaça que sua vinda era alli, não pera lhe fazer guerra senam pera o poer a obediencia del Rei de portugal seu senhor, cuja amizade se quisesse feria tratado com a mesma honra, & fauor que o eram muitos reis, & senhores Dafrica, & da India seus vassallos, & amigos, os quaes acostumaua fauorecer & defender, & fazer guerra a todos os que lha a elles faziam. Este piloto mandou dom Francisco dalmeida a Ioam da noua que leuasse no seu batel, o qual antes de chegar a terra falou em sua lingua com alguns mouros dos que estauam na praia, dizendo-lhe que leuava recado de paz, que se lhe el Rei desse licença, lhe iria falar, ao que lhe responderam que se fuisse em terra o fariam em pedaços, que dixesse ao capitão, que auia muita diferença dos caualeiros de Mombaça às galinhas de Quiloa, & que em tempo estaua pera o experimentar, cada vez que quisesse sair com sua gente em terra. Dado este recado, mandou dom Francisco de noite Ioam da noua no seu batel, & outro capitão pera lhe tomarem lingua, como tomarão, & acertou de ser hum criado del Rei continuo de sua casa, ao qual dom Francisco prometeo liberdade se lhe dixesse a verdade do que el Rei determinaua, & se achasse o contrario, o mandaria enforçar. O mouro se lhe lançou aos pès, & dixeu que el Rei de Mombaça, como soubera as nouas da tomada de Quiloa, se começara de aperceber, & que pera isso tinha ja na cidade quatro mil soldados, & muita artelheria assentada no muro, & torres, & que alem desta gente speraua ainda dous mil homens. Com esta noua, & com a reposta que da praia deram ao piloto mouro, teue dom Francisco a guerra por certa. Polo que logo ao outro dia, que era vespora da Assumpção de nossa Senhora, per conselho de Fernam Soares,

man-

mandou poer fogo a cidade per duas partes, de que arderão algumas casas posto que sua determinação fosse de a cometer per assalto, antes de lhe poerem o fogo, do que foi contrariado dos mais dos capitães da frota, porque a cidade era mui grande, e nella auia muita gente de peleja. O fogo se ateou de longo da praia, de maneira que dom Lourenço, & Fernam Soares que o foram poer nam poderam sperar nella, & se recolheram aos bateis, & de ahi as naos. Antes que o fogo se possesse ouue assaz de resistencia da parte dos inimigos, em que morrerão delles mais de setenta, & dos nossos morrerão hum criado de dom Francisco, per nome Francisco Serrão, & hum bombardeiro, & foram muitos feridos. No mesmo dia que se pos o fogo a cidade affentou dom Francisco de acometer ao outro, polo que duas horas ante manhã sahio defronte donde estava furto, & com elle dom Francisco de Sá, & Lourenço de Brito, Rui Freire, Gonçalo de Paiva, Phelipe Rodriguez, Fernão Bermudez, Antam Gonçalvez, & a gente da nao de Ioam Serram, por quanto elle estaua ferido. Na outra parte da cidade desembarcou dom Lourenço, & com elle Fernam Soarez, Diogo correa, & Ioam da noua, & posto que tão cedo fosse poderam enxergar dos bateis com a claridade do fogo, que ainda duraua, que não hauia gente na praia: com tudo receando-se dom Francisco que fosse cilada não quiz desembarcar senão em amanhecendo, então sahio em terra com a bandeira Real que leuaua Pero Cão. Dom Lourenço pojou na parte que lhe era assignada, & entrando pelas ruas, por serem muito estreitas recebião grande dano de pedras, zagunchos, & lanças darremesso que lhe lançavam homens, & molheres das janellas, & terrados das casas, tanta cantidade que toram forçados se acolherem debaixo das sacadas, sem se poderem feruir a sua vontade das bestas, & espingardas que leuauam, com tudo debaixo destas sacadas tirauão aos que estauão nas janelas, & terrados, mas nem por isso deixauam de lan-

lançar de riba tantas pedras, & penedos, que nenhum dos nossos ousava dandar pelo descoberto das ruas, do que constangidos determinaram de cometer a porta de huma casa donde duas mulheres Cafras de nasçam, & alguns mouros com ellas lhes fazião muito damno, a qual porta arrombada, sobiram a casa com assaz perigo, mas quis Deos que com huma seta atravessou hum besteiro a garganta de huma destas Cafras, de que logo cahio morta do que espantados os outros começaram a fugir per cima dos terrados, seguindo-lhes aquelles, que dos nossos sobirão o alcance, ate os lançarem fora do lanço daquella rua. Pelo que os que estauam debaixo das fachadas, começaram de caminhar adiante, mas em chegando ao começo doutra rua, sendo ja passado adiante dom Lourenço antre elle, & o esquadram de Ioam da noua derribaram os mouros huma parede velha, que lhes tomou o passo da rua, pelo que o Guião de Ioão da nova per nome Vaqueiro, se deteu, o que assi fizeram todos que vinham atras, vendo sobrestar o Guião, na qual detença foram tambem servidos de tiros darremesso, & pedras dos terrados, & janelas das casas que se muito estiveram não podera fer sem grande perigo. O que vendo o contramestre da nao de Ioão da noua determinou de sobir arriba as casas com dous seus companheiros, hum chamado Rui Fernandez que depois foi seleiro del Rei, & outro Ioam Lopes que foi seleiro do Cardeal dom Afonso seu filho, os quaes todos tres quebrando a porta de huma dellas sobiram arriba, & ao sobir da escada por serem poucos acharam assas de resistencia, & foram mui maltratados, se tras elles nam sobiram Fernão Perez Dandrade, & o feitor, & scrivão da nao de Ioam de Noua, & Duarte Fernandes que depois foi thesoureiro do thesouro del Rei, & outros que fizeram fogir os mouros de terrado em terrado, ate de todo despejarem a rua. O que feito passaram adiante, onde os dom Lourenço encontrou, que sabendo o perigo em que estauam, tornara atras a socorrelos, & assi todos juntos che-  
ga-

garam aos paços del Rei que ja era fogido nos quaes acharam Fernam bermudes , que bradando de hum terrado , Portugal , Portugal , dixe a dom Lourenço que dom Francisco feu pai era passado adiante , & o mesmo lhe dixe Rui Freire que achou a porta dos mesmos paços , & lhe amostrou a rua per onde fora , o qual dom Francisco antes disso guiado pelo mouro que Ioão da Noua tomara chegou quasi ate os paços del Rei sem achar resistencia , mas dalli por diante achou alguma , com tudo chegou a elles sem dos seus ser ferido nenhum , onde ja nam achou el Rei , por que sabendo como a cidade era entrada , & que os nosos eram ja juntos as ruas vezinhas aos paços , se sahio delles , fogindo pera huns palmares , onde se fez forte. Pelo que vendo dom Francisco como os paços erã despejados , deixou per guarda delles Fernão Bermudez , Rodrigo rabelo , & Rui Freire , com a gente de suas capitánias. E passando adiante em busca de feu pai o achou bem trauado com os imigos , com cuja vinda , & socorro foi mui ledo , dando logo Santiago nos mouros , com tanto esforço , que forão contrangidos deixar a rua , & acolherem-se pera huns palmares , onde el Rei estava. O que feito dom Francisco mandou a dom Lourenço que se fosse pera os paços , & posesse guarda no que nelles auia , & pera lhe mostrar as casas , & lugares onde el Rei tinha seus thesouros , & recamera mandou com elle o mesmo mouro que tomara Ioam da Noua , que por ser criado del Rei sabia mui bem onde todas estas cousas estauão , & elle se foi com sua gente dar humia vista à cidade , & vendo que de todo era despejada se tornou aos paços del Rei , onde ja estaua dom Lourenço , sem nelles achar o thesouro que cuidava , nem cousa que fosse destima. Isto seria ao meo dia , a qual hora estauam ja alli todos os capitães , aos quaes depois de comerem , & tomarem hum pouco de repouso , mandou dom Francisco que fossem saquear a cidade , & que o despojo se leuasse as naos , para se depois partir per todos , o que se assi fez. El  
Rei

Rei de Mombaça, vendo o erro em que ca'ra, em se dom Francisco recolhendo pera cidade, lhe mandou pedir paz, a qual nam ouve effeito, posto sobrisso fossem, & viessem alguns recados. Na cidade forão achadas muitas bombardas de ferro, & outras munições de guerra, que levarão a frota, com todo o mais despojo. Morrerão dos da cidade mais de mil, & quinhentas pessoas como se depois soube. E ficaraõ captivos duzentos, em que entravão molheres muito alvas, & fermosas, & estes todos escolhidos, entre mais de dous mil que captiuarão, porque aos outros deu dom Francisco liberdade, e entre os captivos foram os senhorios de tres naos de Cambaia que estavam varadas diante da cidade. Dos nossos morreram cinco homens da companhia de dom Lourenço, & foram muitos feridos, dos quaes hum foi dom Fernando de Sa, de huma frechada no dedo polegar do pe direito, que lho passou, da qual ferida por a seta ser ervada morreo dahi a poucos dias. Depois da cidade ser saqueada, em se dom Francisco recolhendo lhe mandou poer outra vez o fogo, de que ardeu toda, & por o vento lhe ser contrario mandou toda a frota à toa, fora do porto, em que se deteue sete dias, no qual tempo chegou alli Vasquo Gomes Dabreu, que se esgarrara da armada. Postas as naos de largo, dom Francisco tomou sua derrota pera Melinde, mas não pode tomar a cidade: porque a corrente o leuou a huma angra que esta abaixo oito legoas, per nome de S. Helena, na qual achou as caravelas de Ioam homem, & Lopo Chanoca, que eram da armada que se apartara da sua, como fica dito, de que dera a capitania a Emanuel Paçanha. Mas Ioam homem, nem Lopo Chanoca nam achou, porque eram idos por terra a Melinde buscar mantimentos, & dos que achou nas carauellas soube que com tormenta se apartaraõ da outra armada, & que Ioãõ homem descobrira antes de chegar ao cabo de boa Sperança tres Ilhas, dez legoas huma da outra, a que posera nome a huma sancta Maria da

da graça, & a outra S. George, & a terceira sam Ioam, muito frescas, & de muitas agoas, & aruoredos, onde fezera augoada, & tomara muito pescado, lobos marinhos, & aues pera provisão da viagem, de que então tinha muita necessidade, & que daquella ilha viera ter a de Zamzibar, onde lhe o Rei fezera muita honra, & outros muitos offercimentos, & lhe mandara muitas frutas, & refrescos da terra, vaquas, carneiros, & galinhas em presente, mostrandosse muito grande seruidor del Rei dom Emanuel. Dom Francisco posto que muito desejasse de se ver com el Rei de Melinde, o não pode fazer, por lhe o vento nam servir, pera poder chegar com a frota a cidade, & por não poder sperar mais, porque se lhe passava o tempo, mandou dalli Fernão Soarez, & Diogo Correa visitar el Rei com hum presente que lhe mandaua el Rei dom Emanuel, com os quaes se tornaram Ioam homem, & Lopo Chanoca, & com elles veo hum irmão del Rei, por quem mandaua visitar dom Francisco com refrescos da terra, & outros presentes. Desta angra quisera dom Francisco ir a cidade de Magadaxo, para a destruir, mas per conselho, e parecer dos capitães, & pilotos o nam fez, porque era fora de seu caminho, & podera por esse respeito pafarse-lhe o tempo da nauegação da India, pelo que se partio desta angra aos xxvij. dias Dagosto, no qual dia faleceo dom Fernando de Sa da setada que lhe deram em Mombaça, pelo que deu a capitania da sua nao a Rodrigo iabello, & seguindo viagem com tempo galerno, chegou a Ilha de Anchediua, aos treze dias de Setembro, do mesmo anno de M. D. V. em que partira de Portugal, onde achou cartas de Gonçalo Gil Barbosa feitor de Cananor que lhe deu hum messageiro Indio, a que os da terra chamam Patamares, porque auisaua qualquer capitam que alli chegasse, como tinha muita especiaria prestes para a carga das naos, & que se alli podessem esperar todo o mes de Setembro lhe viriam dar nas mãos tres naos de Meca muito ricas, & bem arma-

das que vinham pera Calecut. Dom Francisco despachou logo Ioam homem pera Cananor, Cochim, & Coulam a dar nouas de sua chegada, & auiso das naos que auia de mandar pera o regno pera lhe terem a carga prestes, & a Lopo Chanoca, & Gonçalo de paiva mandou que vigiassem a costa de maneira que estas tres naos nam pasassem. O que feito começou logo de edificar a fortaleza sobre alicerces de hum antigo edificio que achou na ilha junto do mar, & a par delles algumas cruces pintadas de preto, & vermelho em paredes, que pareciam serem em outro tempo de alguma ermida, ou igreja de Christãos. Na qual obra, assi nobres, como populares, trabalhauam todos cada hum per seu giro, pera ajuda do qual negocio lhes veo a preposito a chegada de Sebastiam de Sousa, em cuja nao vinha Emanuel paçanha por capitão da armada que dom Francisco apartou da sua antes de passar o cabo, como fica dito, & com elle Antam Vaz, porque Gonçalo vaz de goes ficara em Quiloa, polo assi deixar mandado dom Francisco, & de Lucas da Fonseca, nem de Lopo Sanches nam souberam dar nouas, mas antes segundo os temporaes que passaram os tinham por perdidos. Com tudo Lucas Dafonseca inuernou em Moçambique, & veo depois ter a India, mas Lopo Sanchez se perdeu entre o cabo das correntes, & a augoada da boa paz, onde morreo afogado, com todolos que com elle hiam, salvo cinco homens que Pero Barreto, hum dos capitães da armada de Pero Danhaia, de que adiante tratarei, indo de longo da terra, tomou quasi meos mortos de fome. Per Emanuel paçanha soube dom Francisco como Habraemo Rei que fora de Quiloa, vendosse despojado do regno, tanto que elle partira ordenara per treição matar el Rei Mahamed anconij, pera o que mandou hum homem muito esforçado, o qual pondo em obra com muito animo o a que viera, ferira o Rei Mahamed anconij no bucho de hum braço, com huma agomia, de que nam perigou, mas o treidor foi logo preso, & esquar-

tejado per justiça, com pregões ao modo deste regno, de que o Rei Mahamed ficou mui satisfeito, & os da terra mui timorizados.

#### CAPITULO IV.

*De como el Rei de Onor, & Timoja, & o Alcaide de Cintacora mandaraõ pedir paz a dom Francisco da Almeida, & lha concedeo, & de como o Rei de Onor a quebrou, & foi desbaratado.*

**D**ous dias depois da vinda de Sebastiam de Sousa, chegaram Lopo Chanoca, & Gonçalo de paiva com huma presa de zambuquos de mouros, em que traziam muitos captiuos, & com elles entrou hum catur do Malabar, em que vinha hum portugues, com recado de Gonçalo gil barbosa, feitor de Cananor pera dom Francisco, de como das tres naos de Meca que sperauam era chegada huma a Calecut, em que vinham quatro Venezanos mestres dartelharia, que el Rei de Calecut mandara pedir ao Soldam de Babilonia, & que se fazia prestes pera a guerra, de que se arreceaua por caso de sua vinda, & que em Cananor, Cochim, & Coulam aueria vinte mil quintaes despecearia. Sabendo dom Francisco, como a nao de Meca era passada, tornou logo a mandar Lopo Chanoca, & Gonçalo de paiva a vigiar as outras duas que esperauam. E com os mouros que tomaram nos zambucos pouoou huma gale real, de duas que trazia lauradas de Portugal, de que deu a capitania a Ioam ferram, por vir prouido dela per el Rei, encomédando lhe a guarda da costa com dous bargantis que se fezeram para andarem em sua companhia, de que eram capitães, Simão Martins, & Iacome dias. Neste tempo lhe veio recado de Merlao Rei de Onor, huma cidade que esta dallí oito legoas, situada ao longo de hum rio que se mete abaixo della no mar huma legoa, & mea, pouoada de muitos mercadores mouros, & gen-

tios. Este Merlao pagaua pareas a el Rei de Narfinga, & consentia acolherse no porto desta Cidade hum armador gentio chamado Timoja, cossairo de toda a roupa de que atras falei, porque lhe pagaua cadanno quatro mil pardaos de pareas das presas que fazia: os quaes sabendo como dom Francisco estaua em Anchediua, lhe mandaram pedir paz com hum bom presente de mantimentos, que lhes logo concedeo. Deste mesageiro soube dom Francisco que huma legoa dalli na entrada de hum rio estaua huma fortaleza de mouros, chamada Cintacorà, do regno de Dacam, em que aueria mais de mil homens de pe, & de cauallo, & que o Alcaide desta fortaleza era vassallo do Cabaio senhor de Goa que tinha as vezes guerra com el Rei de Onor. Pello que partio o mesageiro, mandou per Dom Lourenço fondar a barra deste rio, & com elle Sebastiam de Sousa, Ioam da noua, & Antam vaz, todos em bateis com bandeira de paz. Os quaes chegados ao rio acharaõ que na foz tinha tres braças da altura, & dentro cinco, & viram da entrada da barra a fortaleza sobre hum outeiro, de que logo deceram mouros a praia, que segundo o corpo que faziam seriam mil homens todos gente limpa, & bem armada a pe, salvo oito que vinham em cauallos a bastarda muito fermosos, dos quaes o alcaide era hum, que vendo como os nossos hiam com bandeira de paz, foi receber dom Lourenço a praia onde logo a asfentou com elle: a qual feita, o alcaide se recolheo a fortaleza, sem saber quem era dom Lourenço, mandando logo hum presente a dom Francisco de refresco, da terra, & dalli a noue dias mandou hum embaixador, pera confirmar esta paz, com dous zambuquos carregados darroz, & trigo, & outros mantimentos, a qual lhe dom Francisco confirmou, & deu seguro para poder tratar, & nauegar pera onde quisesse. Alli naquella ilha Danchediua, antes que a frota sepalhasse, mandou dom Francisco vender em Leilam o despojo de Mombaça, & repartir per todos segundo a calidade de cada hum o

e p<sup>o</sup>

que

que feito estando ja pera partir, viram os nossos atravesar huma nao a vista da ilha a que logo fairam alguns capitães nos bateis, com medo dos quaes os que hiam nella ( que eram mouros ) por se salvar poseram a proa em terra ja perto do rio de Onor. Na qual os nossos acharam dezanoue cavallos que quizeram levarnos nos bateis, por nam poderem defencalhar a nao, no que occupados, se alevantou subitamente tamanha tempestade, com que se ouueram os bateis de perder. Polo que contentandosse os nossos com noue que tinham ja embarcados se alargarão da nao, mas foi tanta a furia do mar, que os lançaram dos bateis para se salvarem em terra, onde ja acodiam alguns mouros de huma povoação que esta perto dalli a quem os capitães rogaram, que como vassallos del rei de Onor cuja aquella terra era, & com quem o Governador estava de paz, lhes guardassem aquelles cavallos, & por o tempo lhes nam dar lugar pera mais, se acolherão a Anchediua, donde depois tornaram a buscar os cavallos mas os Mouros lhes dixeram, que el Rei de Onor mandara por elles. O que sabendo dom Francisco, se lhe aqueixou por ter com elle paz, a qual quebraria se os não tornasse, ao que el Rei respondeo, que pagaria os cavallos. Mas não comprindo com o que dezia, determinou dom Francisco de ir sobrelle, porque tinha ja pouco que fazer na fortaleza, a qual por estar de maneira que se podia defender entregou a Emanuel paçanha, & lhe deu artelheria, mantimentos, & oitenta homens Portugueses, & officiaes para a acabar. O que feito se partio para Onor, huma quinta feira xvj. Doutubro, & no mesmo dia a noite chegou a foz do rio, & a festa pela manhã mandou a Fernão soarez que fosse no seu batel sondar o rio, no qual achou que nam podiam entrar senam carauellas, & outros navios pequenos, & dixe a dom Francisco que vira muitas naos varadas, & dellas tamanhas como as nossas, & que alguns mouros mercatores lhe pediram que as não queimasse, porque queriam paz com el-

elle, & fariam com el Rei que pagasse os cauallos, com o qual recado esperou dom Francisco todo aquelle dia. Mas vendo que eram palauras o que os mouros dezi- am, mandou logo embarcar nos bateis, & esquifes, & em huma carauella seis centos homens, & com o luar que fazia foi ter ante manhã sobela cidade, da qual os moradores nam fizeram toda a noite senão despejar molheres, filhos, & fazenda pera se salvarem em huma ferra perto do lugar: & bem quizeram todos que el Rei pagara os cavallos, o que elle não fez por ser mui co- biçoso; com tudo ao outro dia em amanhecendo foram dous mouros fallar a dom Francisco, dizendo-lhe da par- te dos mercadores que queriam paz, & que fariam com el Rei que pagasse os cavallos, ao que respondeo que posto que lhos pagasse, que as naos que estauam no porto auiam de ser queimadas, porque sabia certo que estavam alli algu- mas de Calecut, o que os Mouros negaram, & se foram sem tornarem mais. Polo que mandou a dom Lourenço, que entre tanto que senão tomava concuração no que os Mouros dezi- am, fuisse em terra com alguma gente, & queimasse as naos, como fez. O que vendo el Rei da terra donde estava, mandou a mor parte da gente que consigo tinha, que fosse ajuntar com os que ja manda- ra a cidade, pera a defenderem, os quaes todos faziam mostra de quatro mil homens, de que os mais eram fre- cheiros. Dom Francisco vendo que o corpo da gente dos imigos crecia, mandou da sua a dom Lourenço, pera que os fosse commetter, deixando-se estar nos bateis pe- ra defender que não apagassem os imigos o fogo das na- os, nem o que andaua ja na cidade. Dom Lourenço a- chou os imigos em mui boa ordem, porque os adar- gados estavam diante emparando os frecheiros, & dalli tirauam a seu salvo, ferindo alguns dos nossos, o que vendo dom Lourenço, os esforçou, apertando tão rijo com os imigos, que os fez retirar para a fralda da fer- ra. Dom Francisco que estava nos bateis, vendo que os imigos fugiam, temendosse que os nossos os seguissem.

ma-

mais do necessario, mandou dizer a dom Lourenço que se recolheſſe, os inimigos cuidando que era com medo tornaram sobrelles & andaram tanto as voltas ate que chegaram todos de mistura ao rio, onde os nossos acharam os bateis metidos pera dentro por nam ficarem em seco, que vazaua a mare, o que foi causa de se embarcarem pela agoa. Com tudo dom Lourenço, com toda a mais companhia, se recolheu nos bateis a seu salvo, onde achou seu pai ferido de huma frechada que lhe deram ao recolher dos nossos no dedo polegar esquerdo. Isto acabado se tornou peras naos, deixando queimadas xiiij. das dos inimigos, e mortos xxij. & muitos feridos, & queimada grande parte da cidade, sem lhe matarem mais que hum só homem. E assi recolhido dom Francisco afrota, no mesmo dia a tarde lhe mandou el rei dizer per Timoeja, & per dous mouros, que elle estava muito arrependido do que fizera, que queria pagar os cauallos, & fazerse vassallo del Rei de Portugal, do que elles mesmos ficaraõ por arrefens, dom Francisco lhes respondeo, que por entãõ não podia assentar com elle paz, porque tinha muito que fazer a diante, que depois que fosse em Cochim, mandaria seu filho, com quem a assentaria, e que pera segurança lhe deixaua hũa bandeira com as armas de Portugal, pera que a nossa armada lhe nam fezesse dãno, com aqual os messageiros se tornaram mui contentes pera cidade. O que feito dom Francisco partio para Cananor no mesmo dia, onde chegou a huma quarta feira xxij. dias Doutubro.

## CAPITULO V.

*Do que Joaõ homem fez a huns mouros de Calecut que estavam em Coulaõ & do que mais lhe aconteceu, & de como o governador dom Francisco dalmeida chegou a Cananor, e se chamou Vicerei.*

**D**A ilha danchediua mandou o Governador Ioãõ homem a dar recado de sua vinda aos feitores de Cananor, Cochim, & Coulaõ, como ja dixee, os quaes dados em Cananor & Cochim se foi a Coulam, onde foubes do feitor Antonio de Sa, que avia na terra muita pimenta, & que ja fora carregada em trinta, & quatro naos de mouros de Calecut que alli estavam, se elle disse nam aqueixara a el Rei mas parecendo a Ioãõ homem que isto naõ abastava, como era caualeiro, & mal sofrido lhe pareceo melhor outro conselho, que foi mandar tomar os lemes, & velas as naos dos mouros. O feitor sem cuidar no que se dalli podia recrecer, consentio no que Ioãõ homem fez o que poseram em obra com ajuda de Pero Raphael que ahi estava com a sua carauela, sem os mouros ousarem de lhe resistir com medo, que lhes metessem as naos no fundo. Tomadas as velas, & os lemes, Ioãõ homem entregou tudo ao feitor, com que elle foi muito ledo, crendo que ficava seguro com penhores que lhe depois custaram a vida, como direi adiante. Isto feito Ioãõ homem se partio para cochim em busca do Governador, a darlhe conta do que fezera, oqual nam achando ahi seguiu auante, & na parajem de Cananor tomou duas naos pequenas de Mouros em que depois de os meter debaixo dacoberta pos em cada huma tres Portugueses, pera com este aparato ir receber o Governador que topou antes de dobrar o monte Deli, o qual vendo de subito as tres velas cuidou que eram inimigos, porque sabia que naõ fora diante, mais que a carauella de Ioãõ homem. O qual foi tam mofo, que em auendo vista do Governador se sol-  
ta-

tarão os mouros de huma das naos que hia afastada delle alamar, & mataram os tres Portugueses & se foram sem os poderem tomar, do que o Governador foi tam anojado, que logo lhe quisera tirar a capitania da carauela se não foram muitos fidalgos, que por elle rogaram, mas com tudo nunca João homem entrou mais em sua graça. Neste mesmo dia, que foi huma quarta feira xxij. dias Doutubro, como fica dito, chegou o Governador ao porto de Cananor com determinaçam de deixar hipor feitor Lopo Cabreira, que para isso vinha prouido de Portugal, & irse a Cochim carregar as naos que avia de mandar pera Portugal. O que sabido polo feitor Gonçalo gil barbosa, lhe dixe que nam erão os mouros de Cananor homens para ahi ficarem Portugueses sem fortaleza, porque por serem muito ricos, & poderosos tinhamão tam pouca conta com el Rei, que lhe certificaua que muitas vezes estiveram pera o matar, pelo medo que tinhaõ que os aviamos de lançar fora da India, & que em todos estes perigos nunca el Rei de Cananor lhe podera valer, & que pera isso tinha ja começados os alicerces, fazendo crer a el Rei, q̄ eram para huma casa de feitoria, que fosse forte em que se podesse defender dos mouros. Estas razoens de Gonçalo gil barbosa pareceram bem ao Governador. Pelo que mudou o proposito que leuaua, de ir primeiro a Cochim, & fazer a fortaleza, & depois em Cananor, & em Coulam, o que assentado determinou de receber na sua nao hum embaixador del Rei de Narsinga que o alli esteue esperando alguns dias. Pela qual razam foi acordado por todos, que pois aquelle embaixador era de hũ tamanho, & tam poderoso Rei & o Governador representaua a pessoa del Rei de Portugal, que pera mor authoridade lhe chamassem dalli por diante Vicerei, & lhe falassem por senhoria, posto que pelo regimento que leuaua nam podesse vsar desta dignidade, ate nam fazer fortalezas em Cochim, & Cananor, & Coulam, em lugar das quaes podiam suprir as de Quiloa, Anchediua, & Cananor,

Narsinga

no que dom Francisco consentio por lhe parecer que com-  
pria assi a seruiço del Rei. O que assentado mandou a  
Gonçalo Gil Barbosa, que trouxesse ao outro dia o em-  
baixador a nao. Do estado, & poder do qual Rei an-  
tes que diga ao que mandou este embaixador, tratarei  
particularmente algumas cousas no capitulo seguinte.

### CAPITULO VI.

*Em que se tratam algumas cousas do regno de Nar-  
singa, & poder do Rei, & ordem de sua casa.*

**E** Ste Regno de Narsinga he muito grande, & muito po-  
uado, & mui abastado darroz & legumes, carnes,  
pescados, frutas, & caças de monte, & ribeira, & mui-  
to viçoso de hortas, & outros aruoredos, & de fontes,  
rios, & ribeiras: ha nelle (minas douro, & diamantes.)  
As cidades, & lugares que tem de longo do mar saõ  
pouoados de mouros, & os do sertam de gentios. Tem  
muitas, & mui diuerſas idolatrias, crem muito em fei-  
tiços, & agouros: crem principalmente em hum só De-  
os, que confessam ser Senhor de todas as cousas, & de-  
pois nos diabos, & crem que lhes podem fazer mal,  
& por isso lhes fazem muita honra, & casas a que cha-  
mam pagodes, de que a muitos per todo o regno, &  
mui sumptuosos, & de grandes rendas, em que estaõ bra-  
manas, & em outros molheres. A hi outros homens, que  
tem por sanctos, a que chamam Baneanes. Estes trazem  
ao pescoço huma pedra tamanha, como hum ouo, com  
hum buraco, perque metem tres linhas, & dizem que  
aquelle he o seu Deos: sam mui acatados por reveren-  
cia destas pedras, a que chamãõ tambarane. Nam comem  
carne, nem pescado: casaõ huma só vez na vida. Quan-  
do morrem suas molheres se enterraõ viuas apar delles,  
& as dos gentios leigos se queimaõ, o que fazem de suas  
proprias vontades, assi humas, como as outras: tem je-  
jum em certo tempo do anno: fazem seu Domingo a  
se-

festa feira : tem dias certos , & solemnes em que fazem  
 grãdes festas : crem que a outra vida despois desta , &  
 que os bons tem gloria , & os maos pena , mas não pa-  
 ra sempre. A gente deste regno he baça , & della preta ,  
 & bem disposta , trataõse bem em seu comer , & vestir :  
 acostumão muito andar damores , & sobrisso se fazem  
 muitos desafios : os que se defasão pedem campo a el  
 Rei , & se sam homens de preço o vai ver , o que fazem  
 a pè em estacada : tem padrinhos , & juizes que julgaõ  
 o desafio , os quaes sam antre elles taõ acostumados , que  
 o Rei que sabe que he hum homem bom caualleiro lhe  
 manda poer no braço direito huma cadea douro em si-  
 nal de valentia , pelo que fica obrigado a defendella por  
 armas a quem quer que lha quizer tomar , à qual chamaõ  
 Vueert , que na lingoa dos Alemães , quer dizer mere-  
 cimento. Estes desafios acostumaõ tambem os officiaes  
 mecanicos , sobre quem sabe melhor seu officio , & assi  
 outras pessoas sobre qualquer boa manha das que os ho-  
 mens tem. A mòr cidade deste regno , & principal , se  
 chama Bisnegar , que terà huma boa legoa de cercoito  
 de muro mui forte , he bem arruada , tem muitas pra-  
 ças , & muito boas casas de pedra , & cal , & outras  
 palhaças , & muito grandes , & mui fermosos pagodes :  
 A nella tanta gente , que não cabe pelas ruas ; a mui-  
 tos mercadores Christãos , gentios , mouros , & judeus  
 de diuersas nações , porque de todalas partes do mun-  
 do podem alli vir seguramente comprar , & vender : A-  
 chasse nesta cidade todo o genero de mercadorias , com  
 que os mercadores podem entrar no regno sem pagarem  
 direitos , se leuão caualos de Ormuz , Persia , & Arabia ,  
 os quaes el Rei compra todos , & os que não leuam ca-  
 ualos pagam os direitos acostumados , nos lugares per  
 onde passam. Esta liberdade da el Rei de Narsinga aos  
 mercadores , porque lhe levem muitos destes cavalos , &  
 nam ao regno de Dacão , & a outros senhores com quem  
 muitas vezes tem guerra , o que he causa de entrarem  
 cadanno naquella cidade , tres , quatro mil caualos. Na

qual el Rei tem huns muito grandes, & mui sumptuosos paços, assi de casas, como patios, jardins, & tanques, em que a muito pescado. He gentio, & feruelle com mui grande estado, viue mais polidamente em seu comer, & vestir que os Reis do Malabar: continuamente tem guarda de muitos soldados, & muitos porteiros, & falamlhe com dificuldade, assi os grandes senhores, como a outra gente. Estes Reis não casam mas tem mais de trezentas mancebas, todas filhas de grandes senhores do regno, que estam no paço aos meses, & o outro tempo em casa dos pais. Quando o Rei de Narsinga morre, queimamhe o corpo, em huma grande fogueira de sandalos, daquila, & doutros paos cheirosos, & queimãose com elle todas estas molheres, & quantos priuados tem, & todos os officiaes de sua casa, o que fazem com tanto amor, que pelem sobre quem primeiro chegara a fogueira, em que lançam muita moeda douro, crendo que tudo aquilo vai com elles ao outro mundo, & que tem la disso necessidade. Fazem estes Reis guardar mui inteiramente justiça aos estrangeiros, principalmente aos mercadores, trazem mui grande corte de muitos fidalgos, & senhores, que tem delles grandes ordenados, & gouerno de prouincias, & outros que sam senhores hereditarios, que tem por sobrenome Raos, que entrelles he como dom: Se estes fazem algum erro que nam mereça morte, mandaos el Rei açoutar secretamente no paço estando elle presente, & se sam seus parentes, elle mesmo o faz por sua mão. Tem estes Reis de Narsinga por costume fazerem thesouro cada hum per si, sem tocarem no que fez seu antecessor, o que tem por grande gloria, & deste modo o tem mui grande, douro, & prata, allem das perlas aljofar, & pedraria, que he tanta que se mede per medidas como trigo, & isto de hum certo peso para baixo. Tem el Rei diamantes que pesão duzentos, & trezentos mangelins, dos quaes mangelis faz hum, dous quilates dos nossos & poem em auer esta pedraria grossa muita diligencia,

punindo com grandes penas os que vendem, ou compraõ pedras de certo preço pera cima. Tem muitas vezes guerra com os Reis seus vezinhos, pelo que continuamente pagão soldo a grande multidam de gente, assi de pe, como de caualo. Em seu regno ninguem tem caualos se não de sua mão, nem os pode comprar ninguem senão elle, de que tem passante de vinte mil da sua ceuadeira, o que tudo mantem a sua custa, & de sua mão os entregão a seus capitães que os repartem pelos soldados de suas capitancias, a que chamão lascarins, os quaes lascarins sam recebidos em soldo com grande exame, porque os despem em huma casa perante quatro scriuães, os quaes screuem quantos sinais tem no corpo, & a cor, & o nome do lugar, & prouincia de que sam, & do pai, & mãe, & lei que crem. O que feito os assentão em soldo de tres, quatro, ate quinze pardaos douro por mes, com ficarem obrigados a nam poderem sair do regno, sem licença del Rei, affora seu soldo, aos que sam de calidade pera isso, lhe dam hum caualo, & hum moço pera o seruir, & huma escraua pera lhe fazer de comer, & pola ração do caualo manda cada dia a cozinha del Rei, onde se faz de comer pera todos os caualos & Elephantes de sua ceuadeira. Affora os xx mil caualos da ceuadeira del Rei, tem espalhados pelo regno mais de oitenta mil, pera que da mantimento aquelles a que os manda entregar. Os piães sam sem conto, porque facilmente se ajuntam em hum exercito mais de nouecentos mil. Acostumam estes Reis de trazer em seus arraiaes, ate quatro mil molheres solteiras a que pagam soldo primeiro que a nenhuma outra gente, & dizem que com ellas fazem mais guerra que com seis tantos homens, porque por sua causa pelejam com mais esforço. Dixera muitas cousas do grande poder, & estado destes Reis, se o nam tiveram feito os Portugueses que screverão particularmente os negocios da India. Sabendo o Rei que regnaua a este tempo as grandes façanhas que os nossos tinhaõ feitas na conquista da India, delejou de

de  
 +  
 Comra  
 C. Mante

de ter paz, & amizade com el Rei dom Emanuel, sobre o que mandou hum embaixador ao Vicerei, que o esteve esperando em Cananor, como fica dito, pera lhe alli dar sua embaixada.

### C A P I T U L O VII.

*Do recebimento que o Vicerei dom Francisco dalmeida fez ao embaixador del Rei de Narsinga, & da licença que ouue del Rei de Cananor pera fazer fortaleza, & de como em Coulam mataraõ o feitor Antonio de sa, & os Portugueses que com elle estavaõ & do que se sobrisso fez.*

**P**orque em Cananor, como fica dito, não tinhamos ainda fortaleza, nem casa que fosse de qualidade pera o Vicerei nella receber o embaixador del Rei de Narsinga, foi assentado que o fezesse na nao: Pera o que mandou todolos capitães, cada hum em seu batel que o fossem receber a praia, donde o trouxeram a nao, tendo o Vicerei mandado alcatifar a tolda, & cobrir de panos douro, & seda, pera nella falar com o embaixador, o qual em entrando na nao, o Vicerei o veu receber a bordo, a som de bombardas, trombetas, & atabales, com todolos capitães, & fidalgos que com elle estavam, & pela mão o leuou ate hum estrado onde se assentarão cada hum em sua cadeira despaldas, do qual depois de lhe perguntar pela saude, & disposiçam del Rei de Narsinga, & discurso de seu caminho, recebeu as cartas de credito, que trazia: Dizendo ao Vicerei que el Rei de Narsinga seu senhor sabendo de sua vinda, & das victorias que lhe Deos em sua viagem dera, & de quantas os capitães del Rei de Portugal seu irmão na India ouueraõ, desejava de ter amizade com hum tam poderoso Rei, pera, se necessario fosse, o ajudar com as naos de todolos portos de mar que tinha na costa da India, & com quanta gente quisesse, & para mor con-

fir.

firmação de sua amizade, lhe consentiria que nos mesmos portos mandasse fazer fortalezas, para o que daria toda ajuda necessaria & pera que esta amizade fosse mais certa & segura, lhe offerencia huma sua irmã moça, & de bom parecer, para casar com o Principe seu filho, com o qual lhe daria tamanho dote de terras, & dinheiro de que fosse bem contente. O que acabado de dizer deu ao Vicerei huma carta del Rei de Narsinga pera el Rei dom Emanuel em que lhe screuia o contheudo na embaixada, & pera o Principe lhe entregou douus colares de pedraria, & alguns aneis com pedras de muito valor, & panos douro, & seda. O que feito se tornou pera terra donde o Vicerei o depois despachou fazendolhe presente dalgumas peças douro, & prata laurada, das que leuava de Portugal. Ao outro dia desembarcou o Vicerei, & se vio com el Rei de Cananor, em hum palmar debaixo de huma tenda a borda dagoa, & logo nestas primeiras vistas lhe pediu licença para fazer huma fortaleza na cidade de Cananor, o que lhe el Rei concedeo de boa vontade, a qual o Vicerei logo satisfez com peças que lhe mandou, a o que el Rei tambem respondeo com outras que deu ao Vicerei, & a dom Lourenço, & a todos os capitães da frota. E ao outro dia pela manhã xxiiij. dias Doutubro do mesmo anno de M. D. v. mandou proceder na obra da fortaleza, sobelos alicerces que o feitor Gonçalo gil barbosa tinha começado, sobcor de casa de feitoria, no que todos Portugueses trabalhavam por quartos, com muita diligencia, & com a grande ajuda q̄ pera isso deu el Rei de Cananor, dentro de cinco dias foi posto o muro, & torres em altura em que se podia assentar artilharia, & defender os que dentro estavam. O que feito o Vicerei se partio para Cochim, & na fortaleza, a que pos nome Sanctangelo, deixou por capitão Lourenço de Brito copeiro mor del Rei, que hia prouido da de Coulaõ, que quis antes esta por estar ja começada, & por alcaide mor Guadelajara castelhano, & feitor Lopo cabrei-

breira , com guarda de cento , & cincoenta soldados Portugueses. Antes que o Vicerei partisse de Cananor , soube como os mouros de Coulaõ matarão o feitor Antonio de sa , com doze Portugueses que com elle estavaõ , & isto por caso dos lemes , & velas das naos que lhes Ioã homem tomara pelo que os saltaraõ na casa onde morauão , da qual por se não poderem defender se acolherão a ermida de nossa Senhora , aqual per os mouros os não poderem entrar , poseram fogo de que ardeo toda , & os que dentro estavaõ. Ao que Pero Raphael , que se então alli achou nam pode acodir , por toda a cidade estar aleuantada contra os nossos , com tudo antes que partisse do porto queimou cinco naos das que ahi estavam , & se veo pera Cochim , onde o Vicerei chegou ao derradeiro Doutubro , & delle soube por extenso , como este negocio passara. Pelo que no mesmo dia despachou dom Lourenço com todos os capitães da frota , para de subito darem em Coulaõ , & queimarem quãtas naos achassem dos mouros , & dos da terra , em vingança da treição que fizeram , a quem o tempo seruiu de maneira que chegou a Coulaõ antes que os da cidade soubessem de sua ida , onde pos fogo a xxvij , naos de mouros , que achou no porto , do qual se não quis partir sem primeiro as ver arder todas. O que feito se fez avela para Cochim , mandando diante Ioã homem com a nova do que fezera , cuidando que por aluizaras della o reconciliaffe com seu pai , mas isto lhe socedeo ao contrario , porque o Vicerei em lugar das aluizaras lhe tirou a capitania da carauella , & deu a Nuno vaz pereira.

## CAPITULO VIII.

*De como o Vicerei dom Francisco dalmeida investio el Rei de Cochim no regno em nome del Rei dom Emanuel, & mandou para Portugal oito naos, de que deu a capitania a Fernão soarez, & da viagem que fez ate chegar a Lisboa.*

**A**O dia seguinte da partida de dom Lourenço sahio o Vicerei em terra, onde o logo veo visitar el Rei de Cochim, que ja não era Trimumpate. Este Rei nouo se chamaua Nambeadora, sobrinho de Trimumpate, muito amigo dos Portugueses, & deseioso do seruiço del Rei dom Emanuel, do que logo deu mostras nesta primeira vista, offercendosse ao Vicerei para tudo o que lhe delle, & de seu regno comprisse, & com estas outras palauras de muita amizade se tornou pera seus paços. Aquella tarde teue o Vicerei conselho sobre a quem daria a coroa, & outras cousas que el Rei dom Emanuel mandaua a el Rei Trimumpate, mas avidas sobrisso muitas altercações, assentaram que se desse ao Rei nouo, posto que Trimumpate lhe ja tivesse mandado pedir estas peças. Pelo que depois da tornada de dom Lourenço de Coulaõ, determinou o Vicerei de dar estes presentes ao Rei que regnaua. Pera o que fez fazer hum cadafalso, no qual sendo presentes os mais dos senhores da terra, dixe a el Rei de Cochim, que el Rei dom Emanuel de Portugal seu Senhor, auendo respeito a grande amizade, que Trimumpate Rei que fora de Cochim com elle sempre, & com seus capitães, & vassallos tivera, lhe mandaua em final damor, entre outras cousas, huma coroa douro, pera trazer, como Rei, posto que inuestido naquelle regno de sua mão & que pois elle socedera a seu Tio Trimumpate no regno, que a elle era razão que se desse, com a qual lhe entregaua a posse daquelle regno de Cochim, posto que a qualquer outra pessoa podesse pertencer, pera de sua mão o ter, & re-  
*Tom. I.* Ss ger

ger como seu vassallo, & lhe dar conta delle, & de como o governaua cada vez que lhe mandasse tomar, & o ilentaua de toda obrigaçam que os Reis de Cochim sohiam ter ao çamorij Rei de Calecut, & que elle senhor Rei de Portugal se obrigaua ao defender, & guardar, a elle, & seu regno, senhorios, & vassallos, contra todos aquelles, que o anojar, ou fazer damno quisessem. As quaes palauras ditas, & interpretadas pelo lingoa Gaspar, el Rei de Cochim respondeo, que faria tudo o que el Rei de Portugal seu irmão lhe mandasse, porque sem seu fauor, & ajuda o regno de Cochim fora já tomado, & junto a coroa do de Calecut. As quaes palauras, & outras, ditas dambalas partes, o Vicerei se aleuantou da cadeira em que estaua, & se foi pera del Rei, & lhe pos a coroa na cabeça, & a mandou entregar a seus officiaes com as mais peças que lhe trazia, dizendolhe que el Rei seu senhor lhe daua licença para em todas suas terras mandar laurar moeda douro, prata, & cobre, & que podesse vsar todas as liberdades, & preminencias que a Rei pertencem, do que tudo se fezeram estromentos publicos. Acabado este acto el Rei de Cochim com seus cainais, & naires todos mui contentes, se reco:heo pera seus paços, indo diante delle has nobres trombetas, & atabales, & Lourenço moreno que auia de ficar por feitor, com a coroa nas mãos, com o que el Rei folgou muito, & o tomou por grande honra. O que feito entendeo o Vicerei na carga das naos que auiam de tornar para o regno, que forão oito, de que deu a capitania a Fernam soarez. Os outros capitães eram, Sebastião de Sousa, Rui freire, Emanuel telez, Antão gonçalues, Diogo correa, Gonçalo gil barbosa que fora feitor em Cananor, & Diogo Fernandes correa, que fora alcaide mor, & feitor do castello de Cochim, donde estas oito naos partiram aos xxvj. de Novembro do mesmo anno de M. D. v. & foram tomar alguma carga que lhes faltaua a Cananor. E seguindo viagem, ao primeiro dia de Feuereiro de M. D. vj, foram

ter

*1505*

*1506*

ter a huma terra que nenhum dos pilotos conheceo , da qual vieram as naos muitos homens baços , de cabello reuolto , em dez almadias , destas almadias se chegou huma à nao capitaina , de que entraraõ dentro xxv , homens nus , a quem logo Fernaõ soares mandou dar panos para se cobrirem , & de comer , & beber , o que tudo tomaram mostrando por acenos muito prazer , porque a lingoagem que faluaõ era noua pera todos que hião na nao , os quais depois de vestidos , & fartos se lançarão de subito na almadia , & arredandosse começaraõ de tirar as frechadas aos que estauão no bordo , o que vendo os nossos , os fezeraõ alargar as bombardadas. E vendo Fernaõ Soares que algumas das almadias encaminhauaõ para a nao de Rui freire , que estaua taõ perto da sua que se podiaõ ouir , lhe fez dizer que trabalhase por tomar alguns delles. Rui freire em chegando duas a bordo , mandou saltar dentro algũs homens que tomaraõ vinte , & hum porque os outros se saluaram a nado. O que feito seguiu a frota viagem de longo daquella terra , de que a mor parte era muito alta , ate chegarem a hũa ponta em que sae huma ribeira , onde estando fazendo augoada forão salteados dos da terra , & firiram hũ antes que se podessem acolher ao batel , o que vendo os das naos , que estauam mais perto de terra , os fizeram fogir da praia a poder de tiros de bombardas , dos quaes ao outro dia , que os nossos faires armados a acabar de fazer augoada , & lenha acharam dous mortos , & a terra tinta de sangue em muitos lugares. Passados quatro dias se fez a frota a vela indo todo com sospeita de naõ ser ilha , senaõ terra firme , & tendo corrido a vista della xvij , dias , aos xvij de Feuereiro a passaraõ , a qual posto que entaõ naõ fosse conhecida , se achou depois ser a ilha , a que os antigos Comosgraphos chamaõ Magadascar , & os mouros da lua a qual os nossos poseraõ nome de sam Lourenço , como se ao diante dira , cujo descobrimento , pela banda de fora , se deue a Fernaõ soares capitãõ destas naos , que aos xxij

1505  
 dias de Maio de mil, & quinhentos, & seis entrou no porto de Lisboa com toda sua frota junta.

C A P I T U L O IX.

*De como el Rei depois da partida de dom Francisco Dalmeida mandou Pero danhaia a çofala com seis velas, pera abi fazer huma fortaleza, & do que em sua viagem passou, ate que faleceo, & da chegada de cidade barbudo, & Pero quaresma a India, que partirão do regno depois delle.*

1504  
**P**ero danhaia era capitão de huma das naos que hiaõ em companhia de dom Francisco Dalmeida pera ficar por capitão da fortaleza que se auia de fazer em çofala (a qual nao se perdeu no porto de Lisboa.) Pelo que el Rei mandou a dom Francisco, que deixasse esta fortaleza, & fosse fazer a de Quiloa, como tudo fica dito ja apontado. Partido dom Francisco, el Rei mandou fazer prestes seis naos, de que deu a capitania ao mesmo Pero danhaia. Das outras naos o eram Francisco danhaia, filho do mesmo Pero danhaia, que huaõ de ficar por capitão do mar em çofala com duas naos, & Pero barreto de magalhães que depois da fortaleza acabada auia dir pera India por capitão das outras quatro, os outros capitães eram Ioaõ leite, natural de Santarem, & Emanuel fernandez, que hia prouido da feitoria desta fortaleza, & Ioaõ de queiros. Esta armada partio do porto de Bethalem hum domingo dia da Trindade xvij de Maio do mesmo anno M. D. v, & tanto a vante como a ferra Lioa, querendo Ioaõ leite, do garoupes da sua nao aferrar hum dourado cahio ao mar, & sem os mais verem se foi a fundo, em cujo lugar os da nao elegerão por capitão George mendez. Desta parajem forão tanto na volta do Sul pera dobrarem o cabo de boa Sperança que se poserão em altura que acharão tanto frio, & neues, que se acoalhaua a agoa, & vinho, & quasi que não po-

podiaõ vencer a neue as pas , com o qual trabalho o  
passaram sem o ver. E aos iiij. de Septembro passou  
Pero danhaia o cabo das correntes com Francisco danha-  
ia , & Emanuel Fernandez , & foi surgir sobela barra de  
çofala , para alli esperar as outras tres naos onde de-  
pois chegou a de que fora capitãõ Ioãõ leite , & o e-  
ra George Mendez , & a de que fora Ioãõ de queiros ,  
& o era Ioãõ vaz dalmada que contou a Pero danhaia  
como Ioãõ de queiros viera ter a baia das vaquas , &  
que querendo fazer carnagem entrara mea legoa pe-  
lo fertoã , onde os da terra o mataraõ a elle , & ao mestre  
da nao , & piloto , & dos que com elle foraõ naõ esca-  
paraõ mais que Antaõ de gã scriuãõ da nao , muito fe-  
rido & outros quatro , & que partidos daquella baia to-  
paraõ com a nao de que fora por capitãõ Ioãõ leite , &  
pediraõ a George mendez que lhes desse capitãõ pera os  
reger , & hum piloto que os governasse , & que Geor-  
ge mendez lhe rogara que se passasse pera aquella nao  
por capitãõ della , & lhe dera o seu mestre para man-  
dar avia. Depois da vinda de George mendez , & de  
Ioãõ vaz dalmada chegou Antonio de magalhaes irmaõ  
de Pero barreto em hum batel com recado a Pero Dan-  
haia de como ficara no cabo de S. Sebastiaõ , por quan-  
to o seu piloto , por naõ saber o parcel , naõ ousava  
de o commeter , que lhe mandasse o seu para o levar  
daquelle porto ao de Çofala , o que sabido mandou la  
Ioãõ Vaz Dalmada com a sua nao , & com elle o pi-  
loto de Francisco danhaia. Chegado Pero Barreto a bar-  
ra de çofala , Pero Danhaia entrou para dentro com qua-  
tro das suas naos mais pequenas , porque as duas por fe-  
rem grandes deixou de fora , onde depois de furto man-  
dou logo recado ao senhor da terra per nome Çufe pe-  
ra se ver com elle , as quaes vistas se ordenaraõ em hu-  
mas casas que tinha sobelo rio junto de huma povoação,  
chamada Sagoe , de obra de mil vizinhos , de que mui-  
tos eraõ mouros mercadores , que dali tratavaõ em ou-  
ro para Quiloa , Mombaça , & Melinde , porque os ma-  
is

is do lugar , costa , & fertoã saõ gentios , cafres. As  
 casas eram grandes , terreas cobertas dolla , as paredes  
 de sebe barradas de barro: tinhaõ muitos pateos cerca-  
 dos com arvores , & caua ao redor dellas , com sebe  
 despinheiros tecidos mais forte que se fora pedra , & cal,  
 dos quaes espinhos , tecidos em Flandes , & Alemanha  
 cercam os jardins com suas cauas , porque assim os tem  
 por mais seguros dos ladrões. O Rei ou senhor de çofa-  
 la seria homem de setenta annos , alto de corpo , baço ,  
 membrudo , & cego , o qual segundo os da terra de-  
 ziam , fora muito esforçado caualeiro , & temido , com  
 o qual Pero Danhaia se vio nestas casas , em huma ca-  
 mara pequena , armada de panos de seda , lançado so-  
 bre hum catel , cuberto com hum pano de seda , & jun-  
 to delle hum grande molho de azagaias. Esta camara es-  
 tava no cabo de huma sala muito comprida , & estreita ,  
 na qual estariam bem cem mouros baços , descubertos  
 de cinta pera cima , & pera baixo cachados com panos  
 de seda , & algodão , & outros taes sobraçados com fo-  
 tas de seda nas cabeças , & nas mãos ramaes dalambar ,  
 & nas cintas cutellos nus , com tachas de marfim , guar-  
 necidos douro , assentados todos em trepeças baixas , com  
 os assentos de couro com cabelo , os quaes , em Pero  
 danhaia passando pela sala com os capitães , feitor , &  
 gente , nobre da frota porque a outra ficaua a porta da sala ,  
 se aleuantarão todos fazendolhe grande cortesia com as  
 cabeças baixas , quasi ate o chão. Entrando Pero Danhaia  
 nesta camara el Rei assi cego como era lhe fez muita cor-  
 tesia , & gafalhado , & logo alli ouve delle licença para  
 fazer huma fortaleza , offerecendoselhe a tudo o que lhe  
 delle mais fosse necessario , do qual despedido se saio com  
 elle hum mouro muito privado del Rei , por nome A-  
 cote Abexi de nasção , fazendolhe muitos offerecimentos ,  
 pelo que Pero danhaia sabendo a valia que este Acote ti-  
 nha , com hum presente que mandou a el Rei , lhe man-  
 dou outro a elle , em retorno do qual lhe mandou A-  
 cote vinte Portugueses que tinha em seu poder , que  
 eram

[Handwritten signature or mark at the bottom of the page]

eram dos que escaparam da nao de Lopo fanchez do qual Acote segundo dixerão forão sempre muito bem tratados. Pero danhaia trabalhou com ajuda Dacote por ajuntar logo as achegas que lhe eraõ necessarias pera a fortaleza, & depois de juntas as mais afundou entre o lugar de Sagoe & outra pouoaçam dobra de quatrocentos vezinhos junto da barra, na qual se começou de trabalhar aos xxj, dias de Septembro do mesmo anno de M. D. v, & sendo ja a mor parte da obra feita, Pero barreto se partio perà India com a sua nao, & com a de Pero danhaia, de que foi por Capitam Gonçalo Alvarez que viera por piloto da frota. Na obra da fortaleza se continuou com muito trabalho, & diligencia ate o fim de Nouembro, & sendo ja quasi acabada, Pero danhaia mandou a seu filho Francisco danhaia que fosse correr a costa ate Moçambique, & com elle Gonçalo Vaz de Goes, que alli viera ter, & Ioão Vaz dalmada que se auia dir dahi para a India, & lhe deu mais outro navio de que hia por capitão hñ seu criado, que auia de ficar com elle em guarda da costa. Gonçalo Vaz de Goes, & Ioão Vaz Dalmada se apartaraõ em Moçambique de Francisco Danhaia, & foraõ ter a Quiloa, onde acharaõ Pero Barreto, & Gonçalo Alvarez, & Lucas Dafonseca que se perdera da frota do Vicerei, onde pouco tempo depois veo ter Francisco danhaia em hum zambuco que tomara de mouros; porque a sua nao se perdeu com outra que tinha tomada de Cambaia, carregada de muita roupa. Os quaes todos debaixo da capitania de Pero Barreto, se partiraõ de Quiloa, perà India, na somana sancta do anno de M. D. vj, & chegaram a Anchediua a xvij. de Mayo, onde todas invernaraõ, saluo Lucas Dafonseca que passou. Partidas estas naos Pero Danhaia continuou em acabar de todo a fortaleza, pera o que o ajudavam os meismos da terra. Mas vendo os mouros que lhes tirauam muita parte do refgate do ouro que elles sohiam fazer com os mercadores que vinhaõ do sertam, ordenaraõ de lançar da terra

ra os nossos, dando a entender a Çufe, que nossa vinda não fora a buscar sua amizade, se nam pera o lançarmos da terra, como o tinhamos feito em Quiloa, & em muitos lugares da India, com as quaes palauras, & outras da calidade, o induziram a fazer secretamente mais de mil Cafres, pera de subito darem sobre os nossos, & lhe tomarem a fortaleza: do que Pero Danhaia foi auisado pelo mouro Acote, que allem da amizade que nisso mostrava, se lhe offereceo pera o ajudar com toda sua valia, o que sabendo Pero Danhaia se começou daperceber com a mor dessimulação que pode pera o dia que festa guerra auia de declarar, no qual os Cafres vieram cometer os muros da fortaleza mui denodadamente, com tiros darremello, & setas de fogo, sendo ja Acote lançado dentro, com cem homens seus parentes, & criados, com cuja ajuda os Cafres foram tratados de maneira, que se arredaram a fora, aos quaes logo começaram de seruir os tiros das bombardas com que mataram os mais delles, o que vendo os outros se arredaram a quem os nossos logo saíram, com Acote, & seguindolhes o alcance, chegaram a aldea, onde estauão as casas de Çufe, nas quaes entrando Pero Danhaia se foi direito à sua camara, o qual posto que fosse velho, & cego, não perdeu o animo, & coração de bom cavaleiro, arremessando as azagaias, que tinha a par de si contra a porta da camara, com huma das quaes ferio Pero Danhaia no pescoço, o que vendo o feitor Emanuel Fernandez, remeteo a elle, & lhe cortou a cabeça. O que feito os nossos ficarão senhores das casas, & do lugar, aos moradores do qual Pero Danhaia mandou, que se não fezesse mais mal, do que ja era feito. A cabeça de Çufe, por fazer espanto aos da terra, foi posta na ponta de huma lança na tranqueira da fortaleza, & em galardão do seruiço que Acote fezera, & amizade lhe deu Pero Danhaia aquelle senhorio de Çofala, & o inuistio nella, em nome del Rei dom Emanuel em acto publico que se pera isso fez, o qual Acote o aceitou, de-

declarandosse por vassallo dos Reis de Portugal, com promessa de sempre os servir bem, & lealmente, do que tudo se fizeram estromentos publicos, assinados por elle, & pelos principaes da terra, & por Pero Danhaia, & officiaes da feitoria, & outros Portugueses, que seriam ate quarenta porque os mais erã ja mortos de doença por a terra ser de maos ares, & doentia: da qual infeçam Pero Danhaia faleceo dahi a poucos dias, em cujo lugar soccedeo o feitor Emanuel Fernandez, que depois de ser capitão fez dentro da tranqueira hũa torre de pedra, & cal muito forte. A qual capitania elle servio pouco tempo, porque no anno de mil, & quinhentos, & seis chegaram a India Cide barbudo, & Emanuel coresma que partiram do regno depois de Pero Danhaia, aos quaes el Rei mandou que corressem toda a costa do cabo de boa Sperança ate Çofala, a ver se achauam novas de Francisco Dalbuquerque, & Pero de Mendonça, dos quaes Cide Barbudo, & Emanuel coresma soube o Vicerei dom Francisco Dalmeida da morte de Pero Danhaia. Pelo que despachou logo por capitão de Çofala Nuno Vaz Pereira, ao qual mandou que de caminho prouesse nas diferenças que auia em Quiloa, por o Rei Mahamed Anconij ser morto per treição del Rei de Tiredicundi, parente do Rei Abrahemo desterrado, & por alcaide mor mandou Rui de Britopatalim. Pelo que Emanuel Fernandez se foi perã India, no nauio em q̄ elles vierão, sem mais querer servir de feitor, tendosse por agravado do Vicerei lhe responder taõ mal as merces, que por galardão de seus serviços, esperaua.

## CAPITULO X.

*Em que se trata da terra de Cofala & dos costumes dos que nella viuem, & no grande regno de Benomotapa.*

**O**S scriptores antigos partem a Ethiopia em superior, & inferior, no qual superior Oriental está o lugar, & terra de Cofala, na costa do mar a que chamaõ Prassodum. Estas duas Ethiopias tomaraõ nome de Ethiope, filho de Vulcano, que foi Rei, & senhor dellas. Diz Diodoro Siculo, que foram os Ethiopes os primeiros homẽs que tiveraõ conhecimento de Deos, & primeiro usaram religião, & ceremonias no culto deuiño, & foram os primeiros que acharaõ o modo de escreuer, & que delles veo o conhecimento destas cousas aos Egypcios donde diz que elles descendem, & tomaram as leis porque se governauam. Mas estes Ethiopes a meu juizo deuem de ser os da terra do Abexi, por ser gente, q̃ a muito tempo que tem lei, & della era a Rainha Sabà, que veo visitar a Salamaõ, & daquelle tempo pera ca tiueram conhecimẽto da lei que Deos deu aos Iudeus per mão de Moysem, & não os que jazem do mar Darabia, ate o cabo de boa Sperança, & o final disso, he serem taõ incultos & barbaros como sam. Antigamente tiueram os Ethiopes, que ahi do us deoses, hum immortal, que he criador de todas as cousas, & as rege sem nellas auer nenhum defeito, & outro mortal que tem por incerto, assi a elle, como as cousas que se por elle regem, & governam. He toda esta regiam dos Ethiopes tam abundante de minas douro, que fazião antiguamente mais cabedal de cobre, que delle, & o estimauão mais. Screue Herodoto, que querendo Cambyfes Rei da Persia, filho de Ciro fazer guerra em hum mesmo tempo aos Carthaginenses, & aos Ammonios, & aos Ethiopes, que a estes Orientaes mandou seus embaixadores, pera por amizade os sobmeter a seu

Imperio, pelos quaes mandou em presente ao Rei que entaõ era entre outras algumas cousas, joias d'ouro, de que se o Rei rindo em desprezo do presente, mandou mostrar aos embaixadores as cascas em que guardauam os malfeitores, onde em lugar de ferro viram, que eraõ de ouro todalas cadeas, & outros instrumentos com que aquelles homens estauam presos. Da qual abundancia de ouro, tiueram os Gregos occasiam de fabularem segundo seu costume, dizendo que a mesa do Sol estaua nesta regiam das duas Ethiopias, dando a entender, ser toda esta terra huma pasta d'ouro, a que quizeram poer nome de mesa do Sol. Ao qual planeta atribuem os Poetas, & Alquemistas o metal do ouro. Entre outros muitos costumes antigos desta gente, era hum, que se o Rei tinha algum geito bom, ou mau, ou alguma aleixam do corpo, ou manqueira, ou vicio, ou virtude, que todos os nobres, & domesticos de sua casa trabalhauã polo imitar nos costumes, & pola manqueira ou aleijam, se aleijauã todos, da mesma parte do corpo, donde o Rei era aleixado. O qual costume naõ sei se guardam ainda, porque naõ falei com homem Portuguez que estiuesse na corte do Rei de Benomotapa, nem pus isto aqui, se naõ pera exemplo que os Reis, & Principes se deuem muito guardar de terem maos geitos, & costumes, & modos de falar porque delles tomaõ os criados, familiares, & fugeitos as taes manhas, das quais os que os criam, & instituem, & andam no tempo da meninice, & tenra idade apar delles, os podem pela mor parte, por bons modos, & honestos exemplos, divertir. No sertoã desta terra de Cofala, & mais aquem pera nos, começando quasi do cabo da boa Esperança, jaz o grande regno de Benomotapa, ao qual este de Cofala era fugeito antes que nos viessemos a esta terra. Do qual regno Rei, & costumes farei aqui hum discurso no mais breue modo que poder, por me parecer que sam todas estas cousas de calidade que merecem fazerse dellas mençaõ em esta nossa Chronica. O Rei des-

*Alexander*

ta provincia he grande senhor porque segundo dizem, tem em circuito seus senhorios mais de oitocentas legoas, afora algũs Reis, & senhores que lhe obedecem, & pagam tributo douro, do qual ja os da terra tomam o gosto que lhe os mouros que antrelles viuem, deram de muito tempo a esta parte, & lhe nos acrescentamos, em quasi setenta annos que a que descobrimos estas provincias. Todo este regno de Benomotapa he muito fertil de mantimentos, frutas, & criaçoens, a nella tantos Elephantes brauos, que se nam passa anno nenhum, em que naõ matem os que os caçam de quatro a cinco mil de que vai perã India grande soma de marfim. He mui abundante douro, o qual se acha em grande quantidade, assi em minas, como em rios, & alagoas: destas minas ahi humas no regno de Batua, de que o Rei he vassallo do de Benomotapa, a comarca em que estam se chama Toro a toda em campo raso, & sam as mais antiguas que se sabem em toda aquella regiaõ. No meo desta campina esta hum fortaleza, toda laurada de cantaria muito grossa, & grande, pela banda de fora, & de dentro, de obra muito prima, & bem assentada, tanto que segundo dizem, se naõ enxerga cal nas junturas della: sobella porta desta fortaleza esta hum litreiro talhado em pedra, que por muito antigo se naõ entende o que quer dizer. E em alguns comaros que aquella campina faz, estaõ outras fortalezas feitas do mesmo modo, nas quaes todas tem el Rei capitães, & o que se pode dellas julgar he, que foraõ feitas para guarda daquellas minas douro, & receber o Principe que as mandou fazer alli o direito, que lhe delle pagauão, per officiaes que para isso nellas teria, porque assim o fazem ao presente os Reis daquelle regno de Benomotapa, do qual os habitadores sam todos pretos de cabelo frisado, a que os vizinhos commummente chamam Cafres, nam adoram nenhum idolo, nem o tem: crem que a hum só Deos criador de todas as cousas, ao qual adoram, & sencomendam, no que parece que em parte con-

tinuaram ate agora, no que atras dixee, do seu antigo modo de crer: tem por religião alguns dias de guarda, entre os quaes entra o dia em que nasce o seu Rei. Nenhum crime castigam com mor rigor, que o da feiticearia, porque a todolos feiticeiros matam per justiça, sem perdoar a nenhũ, tem tantas mulheres quantas podem manter, mas a primeira he como senhora das outras, & os filhos desta saõ herdeiros, nem casam senam com mulher a que ja viesse sua purgaçam, porque tem que se antes de lhe vir conhecem homem, que os filhos que parem, saõ todos fracos & de pouca vida. Este Rei de Benomotapa tem grande estado, servesse em giolhos, com salva. Quando bebe ou tosse, ou espirra, todos os que estaõ na casa em alta voz lhe dam profaça, & o mesmo fazem os que estam fora de casa como ouuem estes, & de maõ em maõ corre o profaça, & se lhe dà per todo o lugar, & assi se sabe que bebeo el Rei, ou tussio, e espirrou. Neste regno nenhuma casa tem porta, saluo as dos senhores, & pessoas principaes, isto per priuilegio que lhes el Rei pera isso dà, & diz que as portas se nam poem nas casas, senam com temor de ladrões, & malfeitos, dos quaes elle he obrigado, como Rei a guardar seu pouo, & sobre tudo os pobres. As casas sam todas de sebe barradas de barro, do modo, que pinteí as do Xequé de Çofala. Usa este Rei duas insignias, de que huma he huma enxada muito pequena, com o cabo de marfim, que traz sempre na cinta, perque dà a entender a seus sугeitos, que trabalhem & aprovelem a terra, pera com o que ganhaõ poderem viuer em paz, sem tomarem o alheo, a outra insignia sam duas azagaias, demonstrando que com huma a de fazer justiça, & com a outra defender seu pouo. Tras continuamente na sua corte todolos filhos dos Reis & senhores que lhe sam sугeitos, a huma por lhe terem amor de criação, & a outra por se lhe os pais não aleuantarem com as terras, que delle tem. Traz sempre no campo, quer seja em tempo de paz, quer de

profaza Poopt

de guerra hum exercito de muita gente, de que o capitão geral se chama Zono, & isto faz para ter a terra pacifica, & se lhe nam aleuantarem alguns dos senhores, & Reis que lhe sam fugeitos. Manda todolos annos muitos dos principaes de lua corte, per todos seus regnos, & senhorios a dar fogo nouo, o que se faz da maneira seguinte. Cada homem destes em chegando as casas dos Reis, senhores, cidades, & lugares, manda apagar em nome del Rei todo o fogo que ahi a, & depois de apagado, vem todos tomar delle, em final de obediencia & quem isto não faz he tido por tredor & rebel, & por tal o manda el Rei castigar, & se he pessoa, ou cidade poderosa, manda sobrelles o capitão Zono, que sempre anda no campo, pera acudir a estas coulas. Outros muitos costumes tem, que aqui não poño por euitar prolixidade.

### C A P I T U L O X I.

*De como indo dom Lourenço buscar as ilhas de Maldiva per mandado do Vicerei seu pai, foi ter a ilha de Zeilad, & do que ahi fez, & do sitio, & costumes dos da terra.*

**N**O mes de Nouembro de Mil, & quinhentos, & cinco em que se a armada que auia de tornar para o regno fazia prestes, de que era capitam Fernão Soarez, como atras fica dito mandou o Vicerei seu filho dom Lourenço, as ilhas de Maldiuia, que estam sessenta legoas de Cochim, pera fazer presa nas naos que per dentro dellas passam de Malaca, Çamatra, Bengala, & outras prouincias, & com elle mandou Paio de Soufa, Lopo Chanoca, & Nuno Vaz Pereira & outros capitães que per todos eram noue, os quaes por ma naueraçam vieram a vista do cabo de Comorim, donde contrangidos das correntes foram ter ao porto de Gabalicão, a que os nossos chamaõ Gale, que he na ilha de Zeiland,

land, o que sabido pelo Rei, com medo que lhe nam destruissem a terra, & queimassem algumas naos que estauam no porto, mandou hum presente de refresco a dom Lourenço, pedindolhe paz, & amizade, sobelo qual recado, ficando nas naos arrefens, mandou dom Lourenço visitar el Rei per hum caualeiro, per nome Fernam Cotrim, com outro presente, & depois pera assentar pazes Paio de Soufa, o qual os recebeo em huma grande sala, assentado em hum estrado cuberto de alcatifas, & pannos de seda, elle vestido em hum baju de seda, & na cabeça huma carapuça de borcado, com dous cornos douro, com muita pedraria, cingido de hum panno de seda que lhe chegaua ate os geolhos, descalço com muitos aneis nos dedos dos pes, & das mãos, & arrecadas nas orelhas, tudo de pedraria, & posto que fosse de dia de cada ilharga do estrado estauam tres homens com muitas tochas de cera acesas nas mãos, allem destas auia outras feitas de prata sobre que estauam candieiros tambem de prata que se alumeauaõ com azeite, que dauam muita claridade: na sala estauam muitos homens nobres bem ataviados ao seu modo, perante os quaes Paio de Soufa passando com os Portugueses que acompanhavam, chegou a el Rei, que lhe fez muita honra & logo alli assentaram que elle era contente de dar cadanno como per tributo a el Rei de Portugal quatrocentos bahares de canella a condiçaõ que seus portos, & sугeitos ficassem sob nossa guarda, pera os defendermos dos que lhes quisessem por nosso respeito fazer dano, no que dom Lourenço consentio conditionalmente, se o Vicerei seu pai o ouvesse por bem, a qual canella foi logo entregue, & carregada nas naos, & entretanto que se fazia a carga dom Lourenço mandou com licença del Rei assentar em terra hum padram de pedra, com as armas, & diuisa do regno, em final que tomava posse daquella ilha, em nome del Rei seu senhor. O que feito, se tornou pera Cochim com esta canella, & algũas naos que tomara de mouros, a qual o Vicerei man-

mandou carregar nas naos de Ioaõ da Noua, & de Vasco Gomes Dabreu, per quem mandou hum Elephante a el Rei, que foi o primeiro que da India veo a estes regnos, as quaes naos partiram de Cochim em Feuereiro, de Mil, & quinhentos, & seis. E porque a ilha de Zeiland he huma das nomeadas da India, & mui frequentada dos nosos, direi della summariamente algumas particularidades he muito fertil de mantimentos, frutas, & heruas de cheiro, principalmente daruores despinho, & lorangeiras, que todo anno tem fruta, & frol, o que tudo nasce pelos matos sem se plantar, nem semear, a nella muitos bosques da aruore da canella, que se quer parecer com o loureiro, de que se carrega muita pera fora; a muita pedraria s. rubins, balais, jacintos, çafiras, topazios, jagonças, ametistes, crisolitas, & olhos de gato, no mar della se pescam perlas, aljofar grosso, & meudo, criamse nella muitos Elephantes que vendem pera Cambaia, Narsinga, & Malabar, & os desta ilha sam os mais domesticos, & que se mais asinha ensinam, & amansam que nenhuns outros que se saiba. A nella sete senhores, a que elles chamão Reis, dos quaes agora he o principal o senhor da cidade de Columbo. Dizem que tem este Rei hum Rubi de hum palmo de comprido, & de grossura de hum ouo de galinha, que por ser muito limpo da de noite tamanha claridade como huma grande vela, o que parece fabula, com tudo alembrame que el Rei de Calecut mandou hum seu Naire, no anno de mil, & quinhentos, & quatorze a el Rei dom Emanuel, pera andar na corte, & aprender o modo della, & a lingua Portuguesa, o qual se fez Christão, & lhe poserão nome dom Ioaõ, a quem eu ouvi dizer que tinha el Rei de Calecut hum rubi tamanho, como hum ouo de franga, taõ perfeito, que de noite daua de si claridade como huma candeia. Os do sertam da ilha sam gentios, & os dos portos do mar os mais delles mouros, falaõ todos Canarà, & Malabar, & tem quasi os mesmos costumes & vestidos: saõ ho-

homens fracos, & pouco de guerra, muito ateminados, & dados a viços, sam bem dispostos, & de bons corpos, & parecer tem por honra serem barrigados. No meo desta ilha a húa ferra da qual sae hum pico muito alto, em que no mais alto delle esta huma alagoa pequena, dagoa nadiuel, & junto della huma lagea, & nella huma pegada de homem, que os da terra dizem que he de nosso padre Adam, a que elles chamam Adam-baba, & que dalli sobio ao ceo, junto da qual lagoa esta huma Ermida com duas sepulturas onde elles crem que foraõ sepultados os corpos de Adam, & Eua. Este pico, & ermida saõ entre os mouros de grande deuaçam, & vem alli muitos em romaria, & de mui longe, sobem ao alto delle per escadas de cadeas de ferro muito grossas. A terra ao derredor desta ferra em que esta o pico, he toda alagadiça, & pola agoa passam estes romeiros que lhe da muitas vezes pela cinta ate chegarem a ferra, & dahi sobem ao pico, no qual se lauam nagoa da lagoa, & fazem o çala, o que feito se tem por abfoltos de todos os peccados que ate entaõ cometeram.

## CAPITULO XII.

*De como dom Lourenço foi por mandado de seu pai correr a costa do Malabar, onde desbaratou huma armada del Rei de Calecut, & de como se desfez a fortaleza Danchediva.*

**T**Ornando dom Lourenço da ilha de Zeiland, o Vicerrei lhe mandou que com as mesmas naos, & outras mais fosse correr a costa do Malabar, ate a fortaleza de Anchediua, a qual proueo dalgumas cousas de que tinha necessidade. E despedido do capitam Emanuel Paçanha, se tornou a Cananor, onde esteue alguns dias ajudando com sua gente o capitão Lourenço de Brito na obra da fortaleza. No qual tempo veo ter com elle hum homem per nome Luis vuartman natural

de Bolonha em Lombardia, que andara por muitas partes do mundo, de que escreueo hum tratado, o qual dizendolhe quem era, & como vinha de Calecut pera auifar o Vicerei, de como el Rei de Calecut fazia huma grossa armada pera guarda das naos que hiam, & vinham a seus portos, a qual nam tardaria muito que não fuisse pera acompanhar muitas naos de mercadores de Meca, que estauão de caminho, ate as poer em saluo das nossas armadas, & que allem disto lhe trazia recado dos Milanefes, que andavam com el Rei de Calecut, que arrependidos do que tinhaõ feito como Christãos que eram se queriam reconciliar com Deos, & virse pera o seruiço del Rei de Portugal, os quaes deuia de mandar vir, porque em quanto estiuessem em Calecut nam podiam deixar de fazer artelharia, da qual tinhaõ ja fundidas mais de quatrocentas peças grossas, & meudas, & lhe fariam cada dia fundir mais, & que o pior que era que per força lhes faziam ensinar o modo da fundiçam aos mouros, & malabares, & que pois elle alli estaua que tinha por excusado ir mais adiante buscar o Vicerei seu pai, que lhe pedia que prouesse com diligencia no que lhe dixerá, porque assi cumpria a seruiço de Deos, & del Rei de Portugal, dom Lourenço lhe agradeceo muito o trabalho que tomara, & o perigo em que se posera para dar hum tam bom auiso, & lhe fez por isso merce, & passados tres dias, que o alli teve consigo, o mandou a Cochim na gale de Ioaõ serraõ, pera dom Francisco Dalmeida seu pai delle saber o que passava, donde o dom Francisco tornou a mandar pera Cananor na mesma gale, & escreueo a dom Lourenço, que se apercebesse pera pelejar com armada de Calecut, & que a Luis Vuartman desse todo o dinheiro que ouesse mister pera tornar a Calecut a ver se podia trazer os dous Milanefes: o que elle negoceou de maneira que assentaraõ os Milanefes de se vir pera os nossos, mas o trato foi descuberto, & elles ambos mortos pelos mouros, & Luis Vuartman se saluou, & acolheo para a fortale-

taleza de Cananor. Dom Lourenço como teue recado de feu pai para ir pelejar com a armada del Rei de Calecut, se apercebeo com sua frota, de que eram capitães; Rodrigo rabello, em cuja nao, que era de quatrocentos toneis, hia dom Lourenço, Phelipe rodriguez, Fernam Bermudez, Nuno vaz pereira, Lopo Chanoca, Gonçalo de Paiua, Antão Vaz, Ioaõ ferram, Diogo Pirez, Francisco Pereira Coutinho, & Simaõ Martinz. Nestas onze velas iriam oitocentos soldados Portugueses, afora outros da terra, com a qual frota foi dom Lourenço cometer a de Calecut, em que entre naos de guerra, & de mercadores, em cuja guarda faira, auia oitenta, & quatro naos, & cento, & vintaquatro paraos. Com a vista desta armada ficou dom Lourenço suspenso, nam por lhe faltar animo, se nam receoso que fezesse espanto a alguns dos nosos tanta multidam de naos, & fustalha, com tudo como tinha assentado de pelejar, & assi fora o parecer dos capitães, & fidalgos da frota, abalou contra a dos imigos os quaes, posto que lhe mandassem dizer que os deixasse ir em paz guiar algumas naos de mercadores aos portos, pera onde hião, nam achou descuidados nem desprovidos, porque se a nossa frota lhe fez rosto, o mesmo fez a sua, athe chegarem a tiro de bombarda, de que huma, & da outra parte se fez huma temerosa salua, com som de trombetas atabales, & outros instrumentos, que tocavam dambalas frotas, tudo a vista de Cananor, & del Rei, que tudo via muito bem do lugar onde estaua. Dom Lourenço encaminhou perà capitaina dos Mouros, na qual lançou o arpeo quatro vezes antes que aferrasse, entrando a logo, dos quaes os primeiros foram dom Lourenço, Phelipe Rodrigues, Ioaõ Homem, Fernam Perez Dandrade, Vicente Pereira, & Rui Pereira, seguindo outros muitos tras elles, mas isto não foi sem grande resistencia dos imigos, porque na nao avia seiscentos homens dos mais luzidos de toda a frota, que assi no entrar della, como depois, o fizeram a modo de bons caualleiros, com

tudo os nossos os tratarão de maneira que ou mortos, ou catiuos, ou que se lançaram ao mar a nao foi de todo despejada. Acabado este negocio, dom Lourenço acodio a Nuno vaz pereira, que com a sua carauella fora aferrar a fota capitaina dos imigos, ficandolhe atravessada debaixo da proa, & com o arfar que fazia a carauella, cuidarão de se ir ao fundo, & com as setas, & lanças derremesso, que lançauão dos castellos dauante se tinhaõ todos por mortos, do qual perigo os tirou dom Lourenço em chegando, porque logo abalroou a nao; & a entrou, & nam sem menos trabalho, do que se leuou no entrar da capitaina, porque nella avia quinhentos homens luzidos, & acostumados a guerra, dos quaes mataram, & captiuaram a mor parte outros se saluaram a nado. As naos dos mercadores, como viraõ estas duas desbaratadas, humas se acolheram aos portos de Calecut, & outras se fezerão ao mar pera seguirem viagem, pera as partes pera onde tinhão tomado carga, com tudo as outras naos, & paraos de guerra posto que vissem taõ mau principio, nem por isso deixaraõ de cometer com muito animo a nossa armada, & com tanto impitu que nam auia nauio dos nossos que não fosse cercado de dez, & quinze dos imigos, de que se defendiam com muito trabalho, porque elles vinham mui bem armados & traziam muita artelharia de bronço, & de ferro, com que tratauam muito mal os nossos, & hum dos capitães que nesta peleja se achou em mor perigo, foi João ferram, porque tiveram cercada a sua gale per bom espaço, mais de cincoenta paraos, de que se desfêz com afaz trabalho, & com muitos dos seus feridos. Nesta reuolta, & arroido de bombardas, & outros tiros darremesso, aferraraõ quatro paraos grandes, o bargantim de Simam Martinz, & assi aferrados todos ficaram hum pouco afastados da nossa frota, & como os paraos erãõ altos, & o bargantim muito raso, os nossos se recolheram da coxia pera baixo da tolda do bargantim, os mais delles feridos. Despejada a coxia, os imigos entraram o bargantim,

tim, o que vendo Simaõ martinz, cansado como estaua remeteo da tolda a elles, & os enxotou todos fora do bargantim, lançandosse huns ao mar, & outros aos paraos. Estes quatro paraos forão logo socorridos doutros quatro, & vendo Simaõ martinz o perigo em que estaua, tomou hum barril desfundado, & na boca lhe atou huma pelle, com a qual parecia ser hũa bombarda grossa, & o barril assi enfeitado assentou pera a banda donde estauam os mais paraos, contrafazendo que lhe queria poer o fogo, o que vendo os inimigos, com medo da bombardada contra feita, se alargaraõ todos, do qual perigo liure, Simam martinz se foi pera dom Lourenço, a quem ajudou a desbaratar sete paraos com que estaua aos botes. Os outros capitães o fezerão todos tam bem, que a frota de Calecut foi desbaratada. Esta peleja durou todo aquelle dia, & parte da noite, por fazer luar muito claro em que morrerãõ dos inimigos mais de tres mil, dos Portuguezes morreram seis, & alguns Malabares de Cochim, & foram muitos feridos, de huma, & da outra parte. Meteram os nossos no fundo muitos paraos, & dez naos das quaes huma hia carregada de Elephantes pera Cambaia, tomaram duas bandeiras del Rei de Calecut, & noue naos em que algumas dellas que eraõ de mercadores, que naõ poderaõ escapar, se achou especiaria, & outras mercadorias de muito preço. Com esta vitoria, & despojo se tornou dom Lourenço a Cananor, onde foi recebido de Lourenço de Brito, & dos Portuguezes, & del Rei, com muita alegria de todo o pouo da cidade, excepto dos Mouros, que ficaram mui atemorizados deste desbarato. No começo deste capitulo tenho dito como o Vicerei mandou seu filho dom Lourenço a ilha Danchediua a prouer nas cousas que fossem necessarias a fortaleza, & gente que nella estaua, onde esteve alguns dias o que sabido pelo Çabaio senhor de Goa, & a armada que o Çamorij fizera contra os nossos, & como dom Lourenço era partido Danchediua, onde nam podia tornar tam asinha, por caso darma-

darmada do Çamorij, nam quis perder a occasiam do tempo: Pelo que no mesmo instante mandou sobella fortaleza Danchediua, huma armada de obra de sessenta nauios de remo, da qual era capitam hum Portugues arrenegado, per nome Antonio Fernandez carpinteiro de naos, que se entaõ chamaua Abedella, que foi hum dos degradados que leuara a Pedralurez cabral, & deixara em Quiloa, donde viera ter a estas partes, per cujo conselho o Çabaio fez esta armada, prometendolhe que se tomasse a fortaleza Danchediua, lhe daria a Cintacorà. Nesta armada auia muita, & mui boa gente de guerra, a qual per espaço de quatro dias cometeo mui esforçadamente a fortaleza: mas Emanuel paçanha se defendeo de maneira, que os imigos vendo quam mal os tratauão tomaraõ por partido aleuantar o cerco, & tornaremse pera Goa. A qual fortaleza vendo o Vicerei quam trabalhosa era de sostentar, por estar longe de Cochim, per conselho de todos capitães, & pessoa de calidade, mandou dahi a poucos dias dirribar, ao que ordenou que fosse dom Lourenço com a armada que trazia, pera que nella recolhesse a gente, & a trouxesse a Cochim, & assi ficou a ilha de Anchediua na mesma liberdade que dantes tinha, de ser commua a Christãos, Mouros, & Gentios.

CAPITULO XIII.

*Da vinda del Rei Phelipe a Castella, & da embaixada que lhe el Rei mandou per dom Diogo lobo baram Dalvito & da ida de Duarte galuaõ, & de Joam sotil a Roma, & de como el Rei mandou fazer o Castello Real em Africa.*

**N** Os negocios que se atras apontaram, neste anno de mil, & quinhentos, & seis, dos que tocam ao regno, os derradeiros, foraõ deixarmos a Rainha em  
Abran-

Abrantes com sua casa afforrada, por caso da peste que auia quasi per todo o regno, de que se depois seguiu grande fome, & carestia de todas as cousas & el Rei em Setuual, prouendo no aleuantamento, & uniam que em Lisboa fezera contra os Christãos novos, & em outras cousas do regno, Africa, & India, onde foi auisado per hum caualeiro Portugues per nome Simaõ Tinoco, homem que seruira muito tempo nas guerras o Emperador Maximiliano, & depois foi neste regno dos caualleiros da guarda da camara del Rei, de como el Rei dom Philippe era chegado a Chrunha em Galiza com huma grossa armada, com q̄ partira de Zeland, & com elle a Rainha donna Ioanna sua mulher. O que sabido, por el Rei, pelo parentesco, & diuido que antrelles todos auia, os mandou visitar per dom Diogo lobo barão Daluito offerecendolhe sua amizade, & obras de bom parente, & amigo. Dom Diogo foi mui bem recebido destes dous Principes, & o despediram com lhe fazerem merces, & per suas cartas, & de palaura vsaram muitos cumprimentos com el Rei, offerecendosse tambem pera tudo o que lhe delles comprisse. E porque se saiba o feruentissimo, & grande desejo que el Rei teue em quanto viueo de fazer guerra aos infieis da nossa santa Fè catholica, allem do que ja atras no discurso desta Chronica tenho dito acerca deste negocio direi como neste anno de mil & quinhentos, & seis, mandou ao Papa Iulio segundo, Duarte galuam, do seu conselho, suplicando a sua Sanctidade, que per seu meo, & exortaçam fezesse tanto, que os Reis, & Principes Christãos ordenassem de fazer guerra ao Gran Turco, & ao Soldaõ de Babilonia, pera se cobrar a casa Santa de Hierusalem, pera, o que elle offerecia sua pessoa, & regno, com toda a armada a que seu estado podesse abranjer. Mas o trabalho que el Rei pelo discurso de toda sua vida tomou sobresta sancta empresa, aproveitou pouco, pera se os Papas, nem Reis, & Principes Christãos mouerem a fazer hum taõ necessario caminho, & taõ proueitoso a toda a Christandade. Ao qual

Casa Santa

Oruiz

Casa Santa

1506  
 qual negocio estando ainda Duarte Galuam em Roma; mandou tambem Ioaõ sotil seu capellam, que depois foi Bispo de çafim. E neste mesmo anno mandou fazer o Castello, a que puseram nome Real, defronte da ilha do Mogador, que he pegada com terra firme, obra de cinco legoas, do qual negocio encarregou Diogo dazembuja, que o edificou com muito trabalho pelo grande numero de mouros que se ajuntou pera lhe defender esta obra.

## C A P I T U L O XIV.

*De como el Rei mandou catorze naos a India repartidas em quatro capitancias, & da morte de Vasco Gomes dabreu.*

1507  
 N O anno de mil, & quinhentos, & sete, em que agora entramos nam socedeo neste regno coufa que de contar seja ate o mes Dabril, em que partiram pera India catorze naos repartidas em quatro capitancias, de que os capitães erão George de Mello Pereira capitão da (nao Bethalem a mor nao que ate aquelle tempo fora a India), & hia com elle Henrique Nunez de Liam, o outro capitão era Phelipe de Castro, & com elle George de Castro seu irmão: o terceiro era Fernam Soares, debaixo de cuja capitania hião Rui da Cunha, Gonçalo Carneiro, & Ioaõ Colaço, os quaes tres capitães em se acabando da perceber, cada hum deles partio logo de maneira que antes de meado Abril, estas tres armadas que eram todas de naos grossas partiram perà India. O quarto capitão era Vasco Gomes Dabreu que fora na armada do Vicerei, por capitão de huma nao, & agora depois de tornado ao regno o mandaua el Rei por capitão de Çofala, por ja ter sabido da morte de Pero Danhaia, & assim para fazer huma fortaleza em Moçambique, que auia de ficar debaixo da sua capitania, com alcaide mor os capitães da sua armada erão Lopo Cabral, em cuja nao elle hia, Rui Gon-